

Clark Ashton Smith
Contos reunidos



2016



The Sciapods – Clark Ashton Smith

Entre os americanos mais jovens, ninguém executa a nota de horror cósmico tão bem quanto o poeta, artista plástico e ficcionista californiano Clark Ashton Smith, cuja escrita, desenhos, pinturas e histórias bizarras são um deleite para os poucos que têm sensibilidade para tal. [...] Por sua ousada estranheza demoníaca e a fertilidade de concepção, o Sr. Smith talvez não seja igualado por nenhum outro autor, vivo ou morto.

(H.P. Lovecraft in “O Horror Sobrenatural na Literatura”)

A Howard Phillips Lovecraft

Tu, que de montes, campos e cidades
ancestrais foste amante,
como vieste parar assim tão longe
de Providence, às portas do levante?
Vens acaso buscar
mais antigos destinos –
alguma Arkham das mágicas primevas;
ou, com os teus felinos,
algum bosque secreto e novo exploras,
para além da muralha dos sentidos,
onde o sol-pôr e a primavera encantam
os caminhos que ligam, eternos,
este Planeta ao éter
por dimensões obscuras, nemorais?
Ou a Chave de Prata
te escancarou, exata,
sonhos e espantos de algum mundo posterior?
Ou retornaste ao teu lar em Ulthar ou Pnath?
Ou o altíssimo rei da distante Kadath
de volta convocou seu sábio embaixador?
Ou o negro Cthulhu deu o sinal
que te converte agora em conselheiro
daquela fortaleza inaudita, abissal,
onde os Antigos dormem longamente,
até que algum tremor venha, brutal,
do sono despertar seu continente?

Ó Deus! Tão poucos dias,
e já andaste tão longe,
seguindo aquelas fabulosas vias
onde os míticos mortos perambulam!
E resta-nos a dor, e este mistério...
E entretanto de todo não partiste,
nem no sonho e na poeira te sumiste:
porquanto, ainda neste monte ocíduo
de Averaigne que jamais
visitou o teu corpo material,
encontro algum resíduo
de ti, sensível, justo –
algum gracioso indício, imorredouro e augusto.
Para ti mais brilhante o gramado vernal,
mais mágico e sombrio o rochedo do Druida;
e em minha mente, como em mágico cristal,
te vejo para sempre despontar –
e no livro do espírito
tuas runas jamais haverão de passar.

CONTOS

Clark Ashton Smith

O Andarilho do Pó

(tradução: Arthur Ferreira Jr.)

"...Os antigos magos o conheciam, e o nomearam Quachil Uttaus. Poucas vezes é ele revelado: pois habita além do mais exterior dos círculos, no limbo soturno do tempo e espaço não-esféricos. Temível é a palavra que o convoca, palavra jamais pronunciada exceto em pensamentos: Pois Quachil Uttaus é a corrupção definitiva; e o momento de sua chegada é como a passagem de muitas eras; e nem a carne, nem a pedra, podem suportar suas andanças, pois todas as coisas ruem sob seus pés, átomo por átomo. E por esta razão, alguns o têm chamado O Andarilho do Pó".

- *Testamento de Carnamagos*

Foi após intermináveis debates e argumentações consigo mesmo, após muitas tentativas de exorcizar a legião incorpórea e turva de seus medos, que John Sebastian retornou à causa que havia deixado tão apressadamente. Havia estado ausente por três dias; mas mesmo isto fora uma interrupção sem precedentes na vida reclusa e erudita a qual havia entregando-se totalmente após herdar a velha Mansão, junto com uma generosa quantia. Em momento algum havia definido por completo as razões de sua fuga: todavia a fuga parecera obrigatória. Havia uma certa urgência medonha que o impelira; mas agora, que havia se resolvido a retornar, a urgência havia se estabelecido na forma de nervos exaustos pela dedicação excessivamente íntima e prolongada a seus livros. Ele havia imaginado certas coisas: mas essas coisas imaginadas eram patentemente absurdas e sem base alguma.

Mesmo se o fenômeno que o havia perturbado não fosse de todo imaginário, deveria haver alguma solução natural que não havia pensado com sua mente sobrecarregada. O amarelar súbito de um caderno recém-comprado, o desfazer das bordas das folhas, eram sem dúvida devido a imperfeições latentes do papel; e o estranho desvanecer de seus registros que, quase do dia para a noite, haviam tornando-se tênues, como se fossem escrita antiga – era claramente resultado de substâncias químicas baratas e falhas na tinta. O aspecto de antiguidade bruta, quebradiça e roída por vermes, que havia manifestando-se em certos elementos da mobília, certas porções da mansão, não mais era que a súbita revelação de uma desintegração oculta, que havia ocorrido sem que ele notasse, enquanto estava absorto pela dedicação meticulosa às pesquisas soturnas. E foi a mesma dedicação, com seus anos contínuos de esforço e confinamento, que trouxe seu envelhecimento prematuro; de modo que, ao contemplar-se no espelho, na manhã de sua fuga, ficara chocado e apavorado como se diante da aparição de uma múmia encarquilhada. Quanto ao criado, Timmers – bem, Timmers já era velho, e todos lembravam-se dele assim. Fora apenas o exagero dos nervos doentes que recentemente pensou ver em Timmers uma decrepitude tão extrema que o faria cair, sem o estado intermediário da morte, direto na podridão do túmulo.

De fato, podia explicar tudo que o havia perturbado, sem fazer referência aos conhecimentos selvagens e remotos, às demonologias e sistemas esquecidos que havia sondado. Aquelas passagens no Testamento de Carnagos, sobre as quais havia ponderado com esquisito desânimo, eram relevantes apenas aos horrores evocados por feiticeiros loucos de eras passadas.

Sebastian, firme em tais convicções, voltou à sua casa ao pôr do sol. Não tremia ou desfalecia quando cruzou o terreno que recebia a sombra dos pinheiros, e correu célere pelos degraus da fachada. Imaginou, embora sem certeza, se haviam de fato sinais de dilapidação nesses degraus; e a própria casa, conforme aproximava-se, parecia ter ficado um tanto derrubada, como se houvesse ocorrido erosão nos alicerces; mas isto, disse a si mesmo, era apenas ilusão trazida pelo crepúsculo que se iniciava.

Nenhuma lâmpada acesa, mas Sebastian não surpreendera-se com isto, pois sabia que Timmers, se deixado sozinho, costumava caminhar nas trevas como uma coruja senil, muito após o momento apropriado do acender das luzes. Sebastian, por outro lado, sempre havia tido aversão à escuridão ou mesmo às sombras; e recentemente a aversão havia aumentado bastante. Resoluto, acendeu todos os bulbos da casa tão logo a luz do dia começou a faltar. E agora resmungando sua irritação com a incompetência de Timmers, empurrou a porta e buscou apressado a fechadura do corredor.

Talvez devido a uma agitação nervosa que não percebera em si mesmo, perdeu um bom tempo sem achar o interruptor. O corredor era estranhamente sombrio e um reluzir do pôr-do-sol cinzento emanava entre os altos pinheiros para dentro do vão da porta por trás dele, mas sem conseguir penetrar além da soleira. Não conseguia enxergar coisa alguma; era como se a noite das eras mortas houvesse feito do corredor seu covil; e as narinas de Sebastian, ali onde ele havia parado, foram assaltadas por uma pungência seca, como se vinda de pó ancestral, odor como de cadáveres e caixões há muito indistintos na decadência pulverulenta.

Finalmente achara o interruptor; mas a iluminação que reagia era de algum modo tênue e insuficiente, e ele parecia detectar um pisca-pisca de sombras, como se o circuito estivesse falhando. Contudo ficou reconfortado em perceber que a casa, aparentemente, estava como ele a havia deixado. Talvez inconscientemente temesse encontrar os painéis de carvalho esfarelado numa podridão fragmentária, o tapete transformado em frangalhos comidos pelas traças; havia pensado ouvir o quebrar de tacos poderosos sob seu andar.

E agora, imaginava, onde estava Timmers? O envelhecido faz-tudo, apesar de sua crescente senilidade, sempre havia sido rápido em atender; e muito embora não houvesse ouvido seu mestre entrar, o ligar das luzes teria sinalizado o retorno de Sebastian. Porém, muito embora Sebastian atentasse com dolorosa insistência, não ouvia o ranger dos familiares passos debilitados. O silêncio envolvia a tudo, como uma mortalha fúnebre e imperturbada.

Sem dúvida, pensou Sebastian, haveria alguma explicação mundana para tal. Timmers havia ido à aldeia próxima, talvez para reabastecer a despensa, ou na esperança de receber comunicação de seu mestre; e Sebastian havia dele se desconstruído, ao retornar da estação. Ou talvez o velho houvesse adoecido e agora jazesse vulnerável em seu quarto. Pressuroso com este último pensamento, foi direto ao dormitório de Timmers, que ficava no andar térreo, nos fundos da mansão. Estava vazio, e a cama estava primorosamente feita e obviamente não fora ocupada na noite anterior. Com um suspiro de alívio que

pareceu retirar um horrendo íncubo de seu peito, decidiu Sebastian que a primeira conjectura estava correta.

Mas agora, ao esperar o retorno de Timmers, havia sentido nos nervos outro ato de inspiração, e marchou até o estúdio. Não admitia a si mesmo, com precisão, o que temia ver; mas à primeira vista, o aposento não havia mudado em nada, e todas as coisas estavam como no momento de sua partida apressada. A pilha alta e confusa de manuscritos, volumes e cadernos em sua mesa de escrever estava intocada por ninguém exceto sua própria mão; e as prateleiras da estante de livros, com seus acervos bizarros e aterrorizantes de autoridades em diabolismo, necromancia, goétia e em todas as ciências ridicularizadas ou proibidas, estavam imperturbadas e intactas. Sobre o velho atril, ou porta-livro, usado para os tomos mais pesados, estava o Testamento de Carnamagos, com sua capa marroquim e sua tranca de ossos humanos, estava aberto na mesma página que o havia assustado tão irracionalmente, com suas intimações sobrenaturais.

E então, ao passar para o espaço entre o atril e a mesa, percebeu pela primeira vez o inexplicável empoeiramento sobre tudo. O pó acumulava-se em toda parte; um pó fino e cinzento, como polvilho de átomos mortos. Havia coberto os manuscritos com um filme profundo, assentando-se espesso sobre as cadeiras, abajures e volumes; e os ricos vermelhos e amarelos como papoula das tapeçarias orientais eram desfeitos pelo acúmulo do pó. Era como se muitos anos desolados houvessem passado na câmara desde sua partida, e houvessem espanado de seus invólucros amortalhados a poeira de todas as coisas em ruínas. O mistério daquilo fez tremer Sebastian; pois ele sabia que o aposento havia sido varrido com rigor apenas três dias antes; e Timmers havia de espanar a cada manhã, cuidadosa e meticulosamente, durante sua ausência.

E agora o pó ascendia numa nuvem leve e rodopiante ao seu redor, preenchendo as narinas de Sebastian com o mesmo odor seco, como se oriundo de uma dissolução fantásticamente antiga, que o havia encontrado no corredor. Ao mesmo tempo percebeu o vento tempestuoso e frio que de alguma forma penetrava o aposento. Ele imaginara que uma das janelas havia sido deixada aberta, mas um olhar assegurou-o de que elas haviam sido fechadas por cortinas avassaladoras; e a porta havia se fechado por trás dele. O vento era leve como o suspirar de um fantasma, mas onde quer que passasse, levantava o fino pó sem peso, enchendo o ar e mais uma vez caindo numa lentidão imensa. Sebastian sentiu um estranho alarme, como se houvesse soprado nele um vento das dimensões desconhecidas, ou por uma oculta fenda de ruínas; e simultaneamente foi tomado por um paroxismo de tosse prolongada e violenta.

Ele não conseguira localizar a fonte do vento. Mas enquanto movia-se descuidado e impaciente, seu olhar foi atraído por uma pilha baixa e longa de pó cinzento, que até então havia sido oculto de sua visão pela mesa. Estava logo abaixo da cadeira que usava para escrever. Próximo à pilha de poeira estava o espanador usado por Timmers em sua rodada diária de limpeza.

Pareceu a Sebastian que o rigor de uma grande e letal frialdade havia invadido todo seu ser. Ele não conseguiu mexer-se por vários minutos, contemplando o inexplicável monturo. No centro deste via uma vaga depressão, que poderia ser a marca de uma pegada bastante diminuta, meio apagada pelos sopros de vento que evidentemente haviam levado muito do pó e espalhando-o pela câmara.

Finalmente o poder do movimento voltara a Sebastian. Sem reconhecer conscientemente o impulso que o impeliu a tal, abaixou-se para pegar o espanador. Mas quando seus dedos o tocaram, o cabo e as penas dissolveram-se em fina poeira que, assentada numa pequena pilha, preservava de maneira vaga os contornos do objeto original.

Uma fraqueza assolou Sebastian, como se o fardo da idade e mortalidade absolutas esmagasse seus ombros entre um instante e outro. Houve um rodopiar de sombras vertiginosas diante de seus olhos, sobre a luz da lâmpada, e ele pensou que desfaleceria, se não sentasse de imediato. Colocou a mão na cadeira ao seu lado – e a cadeira, com o toque, desfez-se instantaneamente em nuvens leves de pó, que assentavam-se atraídas pelo chão.

Depois disso – quanto tempo depois, não conseguiria precisar – encontrou-se sentado na cadeira alta, diante do trecho onde o Testamento de Carnamagos se abria. Surpreendeu-se de modo vago pela cadeira não ter-se desfeito sob seu peso. Assaltava-o novamente a urgência da fuga rápida e repentina daquela casa amaldiçoada; mas parecia que ele havia ficado velho demais, encarquilhado e débil demais; e que nada mais importava muito – nem mesmo aquele destino final apavorante que entrevia.

Agora, sentado num estado mesclando o terror e o estupor, seus olhos foram atraídos pelo volume magistral diante de si: os escritos do sábio e vidente maligno Carnamagos, que foram recobrados mil anos passados, em alguma tumba greco-bactriana, e transcritos por um monge apóstata no grego original, usando o sangue de um monstro procriado por íncubos. Naquele volume estavam as crônicas dos grandes feiticeiros da antiguidade, e as histórias de demônios terrenos e ultracósmicos, e os encantamentos verdadeiros através dos quais os demônios poderiam ser controlados e dispensados. Sebastian, estudante profundo de tais conhecimentos, há muito acreditara que o livro era apenas uma lenda medieval; e ficara tanto espantado quanto gratificado quando encontrara a esta cópia nas prateleiras de um comerciante de velhos manuscritos e incunábulo. Dizia-se que apenas duas cópias haviam existido, e que a outra havia sido destruída pela Inquisição Espanhola, no começo do século XIII.

A luz piscava como se asas ominosas houvessem batido perto dela; e os olhos de Sebastian ficaram baços de um corrimento cada vez mais profuso, conforme lia mais uma vez aquela passagem fatal e sinistra que havia conseguido provocar-lhe medos tão soturnos:

Embora Quachil Uttaus atenda – mas atenda raramente, foi bem documentado que seu advento nem sempre ocorre em resposta à runa pronunciada e ao pantáculo desenhado... Poucos magos, de fato muito poucos convocariam um espírito assim tão agourento... Mas que fique perfeitamente claro que aquele que lê sozinho, no silêncio de sua câmara, a fórmula dada mas abaixo, correrá graves riscos se em seu coração abrigar aberta ou disfarçadamente o mínimo desejo de morte e aniquilação. Pois pode acontecer que Quachil Uttaus a ele atenda, trazendo aquele destino final que, com o mais leve toque, transforma o corpo no pó eterno, e torna a alma num vapor para toda a eternidade dissolvido. E o advento de Quachil Uttaus é pressagiado por certos indícios; pois na pessoa do evocador, e possivelmente nas pessoas mais próximas a ele, aparecerão os sinais da súbita idade avançada; e sua casa, e os pertences que houver tocado, assumirão as marcas de decadência e antiguidade apressadas...'

Sebastian não percebera que resmungava as sentenças em voz baixa, quando as lia; que também resmungara o terrível encantamento que seguia ao alerta... Seus pensamentos rastejaram como se envoltos por algo frio e congelante. Numa certeza embotada e mórbida, soube que Timmers não havia ido à aldeia. Devia ter avisado a Timmers antes de partir; deveria ter escondido e trancado o Testamento de Carnamagos... pois Timmers, a seu modo, era também um erudito, e a ele não faltava curiosidade sobre os estudos ocultistas de seu mestre. Timmers estava bastante apto a ler o grego de Carnamagos... e até mesmo aquela fórmula atroz e devastadora das almas, a qual Quachil Uttaus, demônio da corrupção definitiva, responderia do vácuo exterior... Sebastian adivinhou daí, com precisão, a origem do pó cinzento, a razão daqueles esfarelamentos misteriosos...

Sentiu mais uma vez o impulso de fuga; porém seu corpo era um íncubo seco e morto, que recusava a obedecer à própria vontade. De qualquer forma, refletiu consigo, já era tarde demais, pois os sinais do fim haviam reunido ao seu redor e sobre ele... Porém, certamente jamais houvera nele o mínimo anseio por morte e destruição. Ele apenas desejara sondar os mistérios sombrios que cercavam o estado mortal. E sempre havia sido cauteloso, jamais mexera com círculos mágicos e evocações de presenças perigosas. Sabia da existência de espíritos do mal, espíritos da cólera, perdição e aniquilação; mas jamais, pela própria vontade, invocaria qualquer um de suas prisões e abismos noturnos...

Sua letargia e fraqueza pareceu aumentar; foi como se lustros inteiros, décadas completas de senescência sobre ele caíssem, no espaço de um fôlego. Sua linha de pensamentos se interrompia a intervalos, e ele a recobrava com dificuldade. Suas memórias, e até mesmo seus medos, pareciam cambalear nos limites de um oblívio final. Com os ouvidos quase surdos, ouviu um som de madeira caindo e quebrando, em algum lugar da casa; com os olhos exibindo uma catarata como a dos anciões, viu as luzes tremerem e apagarem sob o ataque de uma escuridão negra como um morcego.

Era como se a noite de uma catacumba em ruínas se fechasse sobre ele. Sentia aos poucos o respirar tênue e gélido do vento que o havia perturbado antes, com seu mistério; e mais uma vez o pó ascendeu até suas narinas. Percebeu então que o aposento não estava totalmente escuro, pois conseguia discernir os vagos contornos do atril diante de si. Certamente nenhum raio de luz passava pelas venezianas; porém ainda assim havia luz. Seus olhos, abrindo-se com um esforço titânico, viram pela primeira vez que uma fenda irregular e grosseira havia surgido na parede externa do aposento, no alto do canto norte. Através da fenda uma estrela solitária reluzia na câmara, fria e remota como o olho de um demônio espreitando através de golfos intercósmicos.

Daquela estrela – ou dos espaços além dela – um raio de lívida radiância, pálido e mortal, lançou-se como um dardo contra Sebastian. Da largura de uma tábua, inabalável, imóvel, parecia transfixar seu próprio corpo e formar uma ponte entre si e os mundos da escuridão inimaginável.

Estava como se petrificado pelo olhar da górgona. E então, através da brecha das ruínas, veio algo planando suave e rapidamente para dentro do aposento, em sua direção, seguindo o raio de luz. A parede pareceu esfarelar-se e a fenda alargar-se, quando a coisa entrou.

Era uma figura não maior que uma pequena criança, mas seca, murcha e encarquilhada como uma múmia milenar. Sua cabeça calva, seu rosto sem feições definidas, saídos de um pescoço de magreza esquelética, eram decorados por milhares de rugas reticuladas. O corpo era como o de um aborto monstruoso e emaciado que jamais houvesse conhecido a respiração. Os braços como varetas, terminando em garras ossudas, estendiam-se para frente como se anquilosados nesse gesto de eterno e temível tatear. As pernas, de pés como os de uma Morte pigmeia, eram fundidas como se houvessem sido comprimidas por bandagens mortuárias; não havia nelas qualquer movimento, ou caminhar, ou marcha. Ereto e rígido, o horror flutuava célere, descendo pelo raio acinzentado, pálido e mortal, na direção de Sebastian.

E agora estava próximo dele, a cabeça da coisa próxima a sua frente e seus pés opostos a seu tórax. Por um momento fugaz, percebeu que o horror havia nele tocado, com suas mãos esticadas, com seus pés obscenamente flutuantes. Parecia fundir-se a ele, tornar-se uno com seu ser. Sentia que suas veias se enchiam de pó, que seu cérebro esfarelava-se, célula por célula. E então ele não era mais John Sebastian, mas um universo de estrelas e mundos mortos, que decaíam remoendo a escuridão, diante do tremendo soprar de algum vento ultraestelar...

A coisa que os magos imemoriais haviam chamado de Quachil Uttaus havia desaparecido; e a noite e as estrelas haviam retornado àquela câmara arruinada. Mas em parte alguma encontrava-se sequer a sombra de John Sebastian; apenas um leve monturo de pó, no chão diante do atril, exibindo uma vaga depressão, como a pegada de um diminuto pé... ou dois pés muito encostados.

O Último Feitiço

(tradução de Rogério Silvério de Farias)

Malygris, o mago, se encontrava sentado na câmara superior de sua torre, que havia sido erguida sobre uma montanha cônica no coração de Susran, capital de Posseidônis. Forjada de uma escura pedra extraída do fundo da terra, resistente e sólida como um mítico diamante, a torre se destacava das demais, e lançava longe sua sombra sobre os telhados e cúpulas da cidade, de tal forma que o sinistro poder de Malygris estendia sua escuridão sobre a mente dos homens.

Malygris já era velho, e toda a funesta força de seus feitiços, todos os horríveis e curiosos demônios sob seu controle, todo o temor que havia forjado nos corações de reis e prelados já não bastavam para aliviar o ominoso tédio de seus dias. Em seu trono, feito a partir do marfim de mastodontes, engastado com terríveis e crípticas runas de turmalina vermelha e cristal azul, olhava melancólico pelo cristal fulvo da janela em forma de losango. Suas brancas sobrancelhas se achavam contraídas em uma só linha sobre o ocre escurecido do pergaminho de seu rosto, e sob elas seus olhos eram frios e verdes como o gelo de antigos tempos; sua barba, metade branca, metade de um negro com glaucos reflexos, caía quase até os joelhos e ocultava sob o manto violáceo, muitos dos símbolos retorcidos e serpentinos, gravados em prata, de sua arte: crânios de homens e monstros, frascos cheios de líquidos negros e ambarinos cujo sacrílego uso só era conhecido por Malygris, pequenos tambores feitos com penas e pele de abutre, e crótalos feitos com ossos e dentes de crocodilo, usados como acompanhamento de certas magias. O piso de mosaico estava parcialmente coberto por peles de grandes símios negros e prateado, e sobre a porta, pendurada, a cabeça de um unicórnio na qual morava o demônio particular de Malygris, na forma de uma víbora verde-pálido com manchas acinzentadas. Os livros se amontoavam por toda parte: antigos volumes encadernados em pele de cobra, com as lombadas comidas por traças, livros que continham o conhecimento aterrorizante da Atlântida; pentáculos que tinham poder sobre os demônios da terra e da lua; feitiços que transmutavam ou desintegravam os elementos e runas em uma linguagem perdida da Hiperbórea, que, quando proferidas no ar, eram mais mortais do que o veneno, ou mais forte do que qualquer filtro.

Apesar de essas coisas simbolizarem o poder e o terror que ele possuía sobre as pessoas, despertando a inveja de magos rivais, os pensamentos de Malygris os foram ofuscados por tristeza e desânimo absolutos enchendo o seu coração como cinzas de uma fogueira. Ficava imóvel, meditando implacavelmente, enquanto o sol da tarde, caindo sobre a cidade e o mar que ficava mais além da mesma, tocando-o com outoniços raios que atravessavam a janela de vidro verde-amarelo, tocando também em suas mãos enrugadas com o seu fantasmal ouro, incidindo em seus anéis, até que os olhos ardessem como demoníacos olhos. Todavia em seus pensamentos não havia luz ou fogo, e desviando-se da escuridão do presente, da escuridão que parecia estar cercando de forma iminente o futuro, tateou entre as sombras da memória, como um homem cego que tenha perdido o sol e o buscasse por todos os lugares em vão. E todos os pontos de vista do tempo que tinham sido tão cheios de ouro e glória, os dias coloridos de triunfo como uma chama crescente, o carmesim e o púrpura dos brilhantes anos imperiais de seu apogeu, tudo era frio e confuso e estranhamente desbotado, e a lembrança daquilo não era mais que um atíçar de brasas extintas. Em seguida, Malygris voltou aos anos de juventude, aos brumosos, remotos e incríveis anos nos quais, como uma estranha estrela, uma lembrança especial ardia com inesgotável brilho: a recordação de Nylissa, a quem havia amado em

outros tempos antes da ânsia pelo conhecimento proibido e necromântico domínio houvesse entrado em sua alma. Havia quase esquecido Nylissa durante décadas, com a miríade de preocupações de uma vida tão estranhamente diversificada, tão repleta de ocultos sucesso e poderes, de sobrenaturais vitórias e perigos; mas naquele instante, só pensava naquela esbelta e cândida garota, que tanto ele amara quando também era jovem, magro e inocente, que havia sido morta por uma misteriosa e repentina febre na véspera de seu noivado com ele. O velho ocre escuro de sua face adotou um rubor fantasmal, e no mais fundo de seus gélidos mundos internos apareceu um brilho como o resplendor de círios mortuários. Em sua imaginação se elevaram os irrecuperáveis sóis da juventude, e viu Meros, o vale coberto de mirtos, e o rio Zemander, em cujas margens verdejantes havia caminhado com Nylissa ao entardecer, contemplando o nascimento de estivais estrelas no céu, refletidas na superfície das águas e nos olhos de sua amada.

Em seguida, dirigindo-se ao demônio-víbora que morava na cabeça do unicórnio, Malygris disse, com a baixa e monótona entonação de quem pensa em voz alta: - Víbora, nos anos anteriores em que vieste morar comigo e estabeleceste a tua casa na cabeça do unicórnio, eu conheci uma garota que era adorável e frágil como as orquídeas selvagens, e que morreu como morrem as orquídeas... Víbora, acaso não sou Malygris, em quem se concentra a maestria de toda tradição oculta, toda dominação proibida, com potestade sobre os espíritos da terra, do mar e do ar, sobre os demônios solares e lunares, sobre os vivos e os mortos? Se assim o desejo, talvez eu possa chamar Nylissa com a mesma aparência de toda sua juventude e beleza, e trazê-la das imutáveis sombras do túmulo, para que se erga diante de mim nesta câmara, sob o crepúsculo deste outoniço sol?

- Sim, amo - confirmou a víbora, com um baixo, porém singularmente penetrante sibilo – tu és Malygris, e todo poder mágico e necromântico é teu, todos os feitiços e conjurações e pentáculos são conhecidos por ti. É possível, sim, se assim o desejas, invocar a garota Nylissa desde sua morada entre os mortos, e contemplá-la outra vez como era antes que sua formosura houvesse conhecido o rapace beijo do verme.

- Víbora, é bom, é conveniente, que eu a invoque de tal maneira?..Não há nada a perder, nada a lamentar? A víbora parecia hesitar. Então, com um sibilo lento e medido, ela respondeu:

- É conveniente para Malygris fazer o que deseja. Quem, exceto Malygris, pode decidir se algo é certo ou errado?

- Em outras palavras, não me aconselhas? - a questão era tanto uma afirmação como uma pergunta, e a víbora não se dignou a dizer mais nada. Malygris ponderou por algum tempo, com o queixo nas mãos nodosas. Então ele se ergueu, com velocidade e segurança de movimentos que desmentia suas rugas, e reuniu, a partir de diferentes cantos da câmara, estantes de ébanos, caixões com fechaduras de ouro ou bronze, os diversos acessórios que eram necessários para sua magia. Traçou sobre o chão os círculos, e de pé no centro acendeu os turíbulos que continham o incenso prescrito, e leu em voz alta um longo pergaminho cinzento com runas púrpuras e vermelhas que serviam para invocar os mortos. A fumaça dos incensários, azuis, brancas e violetas, se ergueram em espessas nuvens e rapidamente encheu a sala de redemoinhos em constante mistura, entre as quais a luz solar desaparecia deixando lugar a um fulgor pálido e sobrenatural, como a luz das luas que ascendem do rio Leteo. Com sobrenatural lentidão, com inumana solenidade, a voz do necromante seguiu entoando um sacerdotal cântico até que houvesse terminado o pergaminho e os últimos ecos se apagaram extinguindo-se em formas de cavernosas e

sepulcrais vibrações. Logo a fumaça policromática se dissipou como as dobras de uma cortina que houvesse sido retirada. Mas o desbotado e sobrenatural brilho enchia a câmara, e entre Malygris e a porta onde brilhava a cabeça de unicórnio se alçava a aparição de Nylissa, tal como era em anos passados, inclinando-se um pouco como uma flor ao vento, e sorrindo com a vivacidade descuidada da juventude. Frágil, pálida e vestida de forma simples, com flores de anêmona em seu negro cabelo, com olhos que possuíam o renascido azul celeste de céus primaveris, era tudo o que Malygris havia lembrado, e seu indolente coração bateu forte com uma antiga e deleitosa febre ao vê-la. -És Nylissa? - perguntou. - A Nylissa a quem amei em Meros, o vale sombreado de mirtos, nos áureos dias que se foram com todas as mortas eras para o abismo intemporal?

-Sim, sou Nylissa - sua voz era o simples murmúrio de prata que havia soado tanto tempo em sua lembrança...Porém de algum modo, enquanto a contemplava e a escutava, cresceu uma pequena dúvida... uma dúvida não menos absurda do que insuportável, contudo insistente: era esta por inteiro a mesma Nylissa que havia conhecido? Acaso não havia uma intangível mudança, demasiado sutil para ser notado ou definido, não havia algo sido levado pelo tempo e pela cova... algo inominável que a magia não tinha totalmente restaurado?

Eram os olhos tão ternos, era o negro cabelo tão lustroso, a figura tão esbelta e ágil, como os da amada que ele recordava? Não podia estar seguro, e a crescente dúvida foi seguida de um desânimo e de uma tristeza, uma decepção cruel que sufocava o seu coração como que com cinzas. Seu raciocínio se tornou penetrante, exigente e cruel, e por momentos o fantasma deixava cada vez mais de ser o retrato perfeito de Nylissa, por momentos os lábios e a fronte se tornaram menos atraentes, menos delicados em suas curvas; a esbelta figura foi ficando magra, a cabeleira tomou uma cor escura e vulgar e o pescoço uma medíocre palidez. A alma de Malygris se abismou novamente na velhice e no desespero com a morte de seu sonho fugaz. Não podia mais crer no amor, na juventude e na beleza, e até mesmo a memória de tais coisas era uma miragem hesitante, algo que poderia ou não ter existido. Não restava mais nada além de sombra e pó, escuridão vazia e frieza, e o opressivo peso de uma melancolia insuportável, uma angústia incurável. Com uma voz que era suave e trêmula, como o espectro de sua voz anterior, pronunciou o encantamento que servia para despedir a um fantasma invocado. A forma de Nylissa se dissolveu no ar como uma fumaça e o brilho lunar que a havia rodeado foi substituído pelos últimos raios de sol. Malygris se voltou até a víbora e lhe disse num tom de reprovação melancólica:

-Por que não me avisaste?

-Será que te serviria o aviso? - foi a contra-pergunta. Todo o conhecimento era teu, Malygris, exceto uma coisa; e de nenhuma outra forma poderias ter aprendido.

- Que coisa? - perguntou o mago. - Eu não aprendi nada, exceto a vaidade da sabedoria, a impotência da magia, a nulidade do amor e o engano da memória..Diga-me, porque eu não poderia trazer de volta à vida a mesma Nylissa a quem eu conheci, ou acreditava conhecer?

- Era certamente Nylissa que invocaste e viste - respondeu a víbora. - Tua necromancia era bastante poderosa para isto; mas nenhum feitiço necromântico poderia trazer de volta tua própria juventude perdida no sincero e ingênuo coração que amou a Nylissa, nem os

apaixonados olhos que a contemplaram então. Isto, meu amo e senhor, era o que tinhas que aprender.

O Demônio da flor

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

A vegetação do planeta Lophai não é como as plantas e flores da Terra, que crescem pacíficas sob um sol solitário. Enrolando e desenrolando em manhãs duplas, crescendo tumultuosamente sob vastos sóis de verde jade e alaranjado rubi, vibrando se agitando em ricos ocasos, em noites toldadas por auroras ; elas parecem campos de serpentes enraizadas que dançam eternamente para uma música sobrenatural.

Muitas eram pequenas e furtivas, e rastejavam como víboras no chão. Outras eram altas como jiboias, chegando soberbamente a posturas hieráticas diante da luz brilhante. Algumas cresciam com caules únicos ou duplos que se desenvolviam em cabeças de hidra e outras eram franjadas e enfeitadas com folhas que sugeriam as asas de lagartos voadores, os pendões de lanças fantásticas, os filactérios de estranhas ordens sacerdotais. Algumas pareciam possuir as escamas escarlates dos dragões, outras eram linguadas como as chamas negras ou os vapores colorados que saem do crepitar de incensários bárbaros, mas outras eram ainda armadas com redes ou gavinhas carnadas ou grandes inflorescências como escudos perfurados em batalha. E todas eram equipadas com dardos e dentes venenosos, todas eram vivas, incansáveis e inteligentes.

Elas eram as senhoras de Lophai, e qualquer outra vida existia por sua permissão. A gente daquele mundo lhes havia sido inferior desde eras esquecidas, e mesmo nos mitos mais primitivos não havia qualquer sugestão de que outra ordem das coisas tivesse jamais prevalecido. E as plantas, por sua vez, assim como a fauna e a humanidade de Lophai, davam obediência inquestionada à suprema e terrível flor conhecida como a Voorqual, da qual se acreditava que um demônio tutelar, mais antigo que os sóis gêmeos, fizera seu avatar imortal.

A Voorqual era servida por um clero humano, escolhido dentre a realeza e a aristocracia de Lophai. No coração da capital, Lospar, em um reino equatorial, ele crescera desde a antiguidade no topo de uma alta pirâmide de terraços negros que contemplava a cidade como os jardins suspensos de uma grande Babilônia, povoada pelas formas florais inferiores, mas letais. No centro de seu largo topo a Voorqual se erguia solitária, sobre uma base plana, nivelada com a plataforma de mineral escuro que a circundava. A base era preenchida por um adubo do qual o pó de múmias reais era um ingrediente essencial.

A flor demônio surgia de um bulbo tão espessado pelo crescimento das eras que parecia uma urna de pedra. Dele se erguia um caule nodoso e forte que tivera em tempos antigos um galho de mandrágora, mas cujas metades haviam então se unido em uma coisa escamosa e enrugada como o rabo de um monstro marinho mítico. O caule era salpicado de tons de bronze azinhavrado e cobre antigo, com manchas azuis lívidas e marcas roxas de carne corrompida. Terminava em uma coroa de folhas duras e enegrecidas, listradas e pintadas de branco metálico e venenoso, bordejadas de um serrilhado como o de armas rústicas. Abaixo da coroa saía um galho longo e sinuoso, escamado como o tronco principal, que serpenteava para baixo e para o lado até terminar no cálice de uma floração bizarra — como se o galho, de um modo sardônico, estendesse uma infernal tigela de esmolos.

Abominável e monstruoso era tal cálice — que, como as folhas, a lenda dizia renovar-se a intervalos de mil anos. Junto à base ele tinha a cor ardente de um pesado rubi, que

clareava em certas áreas como sangue de dragão, nos lados intumescidos ele se enchia de faixas rosadas como um entardecer do inferno e junto à boca ele chamejava de um nácar vermelho amarelado como o sangue das salamandras. Quem ousasse olhar dentro, veria que a copa era coberta de um violeta sepulcral, que escurecia em direção ao fundo, que era pontilhado de uma miríade de poros e riscado por veias turgescerentes de um verde sulfúrico.

Oscilando em um ritmo lento, letal e hipnótico, com um silvo profundo e solene, a Voorqual dominava a cidade de Lospar e o mundo de Lophai. Abaixo, nos degraus da pirâmide, as plantas ofídicas amontoadas seguiam o tempo desse ritmo em seu balanço e sussurros. E muito além de Lospar, até os pólos do planeta e em todas as suas longitudes, a vegetação viva obedecia ao tempo soberano da Voorqual.

Infinito era o poder exercido por este ser sobre a gente que, por falta de nome melhor, considerei a humanidade de Lophai. Numerosas e assustadoras eram as lendas que haviam surgido, através das eras, a respeito da Voorqual. E horrível era o sacrifício demandado a cada ano, no solstício de verão, pelo demônio : encher seu cálice com o sangue de um sacerdote ou sacerdotisa, escolhido entre os hierofantes reunidos diante da Voorqual, até que este, esvaziado e invertido, baixasse como uma mitra infernal sobre a cabeça de um deles.

Lunithi, rei das terras de Lospar e sumo sacerdote da Voorqual, foi o último e talvez o primeiro de sua raça a rebelar-se contra tal tirania singular. Havia mitos obscuros de um líder primordial que ousara recusar o sacrifício exigido e cujo povo, em consequência, fora dizimado por uma guerra mortal contra as plantas serpentinae que, em obediência ao demônio enfurecido, tinham se desenraizado do chão em toda parte e marchado sobre as cidades de Lophai, matando ou vampirizando todos que encontraram em seu caminho. Lunithi, desde criança, obedecera à vontade do ditador vegetal implicitamente e sem questionar e oferecera a adoração costumeira, executara os ritos necessários. Negá-los seria blasfemo. Ele nunca sonhara em rebelar-se até que, na época da escolha da vítima anual, e trinta sóis antes da data de suas núpcias com Nala, também sacerdotista da Voorqual, ele viu o graal invertido de funéreo carmim descer hesitantemente sobre a bela cabeça de sua noiva.

Lunithi experimentou uma consternação melancólica, uma decepção profunda e negra que tentou apagar em seu coração. Nala, atordoada e conformada, em uma inércia de místico desespero, aceitou seu destino sem questionar, mas uma dúvida blasfema se formou secretamente nos pensamentos do rei. Trêmulo diante de sua impiedade, ele se perguntou se não haveria alguma maneira de salvar Nala, subtrair ao demônio o seu tributo macabro. Para fazer isso e escapar impunemente, ele e seus súditos, sabia que deveria atentar contra a própria vida do monstro, que acreditava-se ser eterno e invulnerável. Parecia ímpio até mesmo pensar a respeito da veracidade de sua crença, que havia sido aceita por tanto tempo que adquirira a força de uma fé religiosa e era praticada unanimemente. Em meio a tais reflexões Lunithi lembrou de um velho mito antigo sobre a existência de um ser neutro e independente, conhecido como a Occlith : um demônio coevo da Voorqual, que não era aliado nem do homem e nem das criaturas florais.

Este ser diziam viver além do deserto de Aphom, nas desabitadas montanhas de rocha branca, acima do hábitat das flores ofídicas. Há muito tempo que nenhum homem via a Occlith, porque a jornada através de Aphom não era fácil de se levar a termo. Mas esta

entidade era supostamente imortal e se mantinha à parte e isolada, meditando sobre todas as coisas sem interferir nunca em seus processos. Porém, dizia-se que no passado ela dera valiosos conselhos a certo rei que deixara Lospar e fora até o seu tugúrio entre os rochedos brancos. Enlutado e desesperado, Lunithi resolveu buscar a Occlith e perguntar-lhe sobre a possibilidade de matar a Voorqual. Se por quaisquer meios mortais o demônio pudesse ser destruído, ele afastaria de Lophai a tirania há tanto tempo estabelecida, cuja sombra recaía sobre todas as coisas, partindo da pirâmide negra.

Era preciso que procedesse com a máxima cautela, não confiando em ninguém, ocultar todo o tempo os seus pensamentos do escrutínio oculto da Voorqual. No intervalo de cinco dias entre a escolha da vítima e a consumação do sacrifício ele deveria levar a efeito o seu plano louco.

Desacompanhado e vestido como um simplório caçador ele deixou seu palácio durante a curta noite de três horas em que todos dormitavam e seguiu pelo deserto de Aphom. No nascer do sol rubro ele chegara à vastidão sem caminhos e sofria dolorosamente em suas colinas de afiadas pedras negras, como as ondas de um oceano encapelado que se petrificara.

Logo os raios do sol verde se somaram aos do outro, e Aphom se tornou um inferno colorido através do qual Lunithi se arrastava, rastejando de escarpa a escarpa vítrea ou descansando às vezes nas sombras coloridas. Não havia água em lugar algum, mas furtivas miragens brilhavam e sumiam, e a areia solta parecia formar arroios no fundo dos vales profundos. Ao se pôr o primeiro sol, ele finalmente viu as montanhas pálidas além de Aphom, erguendo-se como rochedos de espuma congelada sobre o mar escuro do deserto. Sob a luz do sol amarelo-avermelhado que se punha, elas pareciam tingidas por veios semitransparentes, em azul claro, jade e laranja. Então as luzes se fundiram em tons de berilo e turmalina e o sol verde reinou soberano, até que ele também se pôs, deixando um crepúsculo de cor marinha. Nesta semiescuridão Lunithi chegou ao pé dos pálidos penhascos e ali, exausto, dormiu até o segundo sol nascer.

Levantando-se, começou a escalada das montanhas brancas. Elas se erguiam estéreis e terríveis diante dele, contra a luz dos sóis ocultos, com rochedos que eram como os terraços altíssimos dos deuses. Tal como o rei que o precedera no antigo mito, ele encontrou uma trilha precária que o levou através dos abismos estreitos e ravinas. Por fim chegou à mais vasta fissura, que rasgava o coração da cordilheira branca e era o único meio pelo qual se podia chegar ao legendário domínio da Occlith.

As paredes eretas do abismo subiam cada vez mais alto acima dele, cortando a luz dos sóis mas criando com sua brancura uma luminescência sutil e mortiça que iluminava o caminho. A fissura era algo como o corte da espada de um gigante macrocósmico. Ela seguia para baixo, cada vez mais íngreme, como uma ferida que chegava ao coração de Lophai.

Lunithi, tal como todos de sua raça, podia subsistir durante prolongados períodos sem outra nutrição que a luz do sol e a água. Trouxera consigo um frasco de metal, cheio da água de Lophai, que raramente bebia enquanto descia ao abismo, pois as montanhas brancas eram secas e ele temia tocar as poças e correntezas de fluidos desconhecidos encontrava, às vezes, na penumbra. Havia fontes de cor sanguínea que fumegavam e borbulhavam diante dele e depois desapareciam em rachaduras sem fundo, e também riachos

de metal mercurial, verde, azul ou âmbar, que passavam perto dele como serpentes liquefeitas e então escorriam para dentro de cavernas escuras. Agros vapores subiam das fendas do abismo e Lunithi se sentiu entre os estranhos processos químicos da natureza. Neste mundo fantástico de pedra, que as plantas de Lophai nunca poderiam invadir, ele parecia ter deixado muito para trás a diabólica e impiedosa tirania da Voorqual.

Por fim chegou a um lago límpido que ocupava quase toda a amplitude do abismo. Para passar por ele teve de se esgueirar por uma orla estreita e insegura. Um fragmento da rocha marmórea se soltou sob seus pés e caiu dentro do lago enquanto ele chegava ao outro lado, então o líquido incolor ferveu e assobiou como mil víboras. Pensando em suas propriedades e temendo o venenoso sibilar que tardou bastante a diminuir, Lunithi apertou o passo e logo chegou ao fim da fissura.

Ali ele emergiu no fundo de uma depressão semelhante a uma cratera, que era o lar da Occlith. Paredes caneladas e colunas se erguiam a alturas estupendas por todos os lados e o sol alaranjado rubi, então no zênite, despejava uma catarata de maravilhosas chamas e sombras.

De costas para a parede oposta da cratera, em uma postura ereta, ele contemplou aquele ser conhecido como a Occlith, que tinha a aparência de um pilar cruciforme de mineral azul, que brilhava com seu próprio lustro esotérico. Seguindo em frente ele se prostrou diante do pilar e então, em uma entonação trêmula de espanto, se aventurou a fazer a pergunta ao desejado oráculo.

Por um momento a Occlith manteve seu silêncio de eras. Olhando timidamente, o rei percebeu duas luzes como um prateado místico que fulgiam e se apagavam em uma pulsação ritmada e lenta pelos braços da cruz azul. Então, da gigantesca coisa brilhante saiu uma voz que era como o retinir de fragmentos minerais esfregados uns nos outros, mas que de certa maneira assumia a forma de palavras articuladas.

— É possível — disse a Occlith — matar a planta conhecida como a Voorqual, na qual um antigo demônio tem habitado. Embora a flor tenha chegado a idade milenar, ela não é necessariamente imortal : pois todas as coisas têm seu próprio termo de existência e decadência, e nada se criou sem sua previsão de morte... Eu não o aconselho a matar a planta... mas eu posso lhe fornecer a informação que deseja. Na ravina entre as montanhas, por onde você veio a buscar-me, ali flui uma fonte de veneno mineral incolor, mortífero a toda forma de vegetação ofídica deste mundo...

A Occlith continuou, dizendo a Lunithi o método pelo qual a poção deveria ser preparada e administrada. A fria, monótona e ríspida voz concluiu :

— Eu respondi à sua pergunta. Se há algo mais que deseja aprender, seria bom perguntar-me agora.

Prostrando-se novamente, Lunithi agradeceu à Occlith e, achando que aprendera tudo que era necessário, ele não aproveitou a oportunidade para fazer mais pergunta alguma à estranha entidade de rocha viva. E a Occlith, críptica e alheia em sua meditação contínua e impenetrável, aparentemente considerou apropriado não dizer coisa alguma que não fosse perguntada diretamente. Saindo do abismo emparedado em mármore, Lunithi voltou apressadamente pela ravina até alcançar a lagoa da qual a Occlith falara. Pausou para esvaziar o seu frasco de água e encheu-o com o líquido raivoso e sibilante. Então ele continuou sua jornada de volta para casa.

Ao fim de dois dias, depois de incríveis fadigas e tormentos no inferno abrasado de Aphom, ele chegou a Lospar durante as horas de escuridão e sono, tal como a deixara. Como sua saída não fora anunciada, todos haviam suposto que ele se retirara para o santuário subterrâneo sob a pirâmide da Voorqual para propósitos de prolongada meditação, como era às vezes o seu costume. Entre a esperança e a hesitação, temendo o abortamento de seu plano e ainda se contorcendo de pensar em sua impiedade tão audaciosa, Lunithi esperou a noite anterior ao duplo amanhecer do solstício em que, em uma sala secreta da pirâmide negra, a monstruosa oferenda seria preparada. Nala seria morta por um sacerdote ou sacerdotisa, escolhido por sorteio, e seus fluidos vitais gotejariam do altar canalizado até uma grande taça, e a taça seria então levada em ritos solenes até a Voorqual, e seu conteúdo seria derramado dentro do maldito cálice suplicante da flor sanguinária.

Ele pouco viu Nala durante este interim. Ela estava mais distante que nunca, e parecia ter se consagrado completamente ao destino que se aproximava. A ninguém — e muito menos à sua amada — Lunithi ousou mencionar a possibilidade de evitar o sacrifício.

Sobreveio então a temida manhã, com uma aurora súbita de tons brilhantes que se transformou em uma escuridão enfeitada de chamas matinais. Lunithi se esgueirou pela cidade adormecida e entrou na pirâmide cujo negrume se erguia massivamente em meio à frágil arquitetura dos edifícios que eram pouco mais do que toldos e janelas incrustados em poucas pedras. Com infinito cuidado e atenção ele completou os preparativos prescritos pela Occlith. Em uma sala iluminada pela luz guardada do sol ele derramou na imensa taça sacrificial de metal negro o veneno sibilitante e fervento que trouxera consigo das montanhas brancas. Então, abrindo habilmente uma veia em um de seus braços, ele adicionou certa quantidade de seu próprio fluido vital à poção mortífera, sobre cuja face de fumegante cristal ele flutuou como um óleo mágico, sem se misturar, de forma que toda a taça parecia estar cheia do líquido mais aceito pela flor satânica.

Levando em suas mãos o gral negro, Lunithi subiu pela escadaria esculpida que levava à presença da Voorqual. Com seu coração apertado e seus sentidos rodopiando em frios gargalos de terror, ele surgiu no alto terraço acima da cidade sombria.

Em uma melancólica luminosidade azul imposta pela estranha iridescência dos raios de luz que anunciavam o duplo amanhecer, ele viu o balouçar sonífero da planta monstruosa e ouviu o seu silvo sonolento que era respondido preguiçosamente pela miríade de outras flores dos andares inferiores. Um opressivo pesadelo, negro e tangível, parecia fluir da pirâmide e repousar como uma sombra estagnada sobre todas as terras de Lophai.

Perplexo com sua própria ousadia, e imaginando que seus pensamentos ocultos certamente seriam compreendidos quando se aproximasse, ou que a Voorqual suspeitaria de uma oferenda feita antes da hora costumeira, Lunithi reverenciou seu suserano vegetal. A Voorqual não deu nenhum sinal de que se dignara a perceber sua presença, mas o grande cálice floral, com suas manchas carmim desbotadas para clarete e púrpura pelo lusco-fusco do amanhecer, adiantava-se como se pronto a receber seu presente odioso.

Ofegante e a ponto de desmaiar de tanto medo religioso, em um momento de suspense que pareceu eterno, Lunithi despejou o veneno disfarçado em sangue dentro do cálice. O veneno borbulhou e assobiou como uma fermentação mágica quando a flor sedenta o bebeu, e Lunithi viu o galho escamado recolher-se, tombando a demoníaca copa rapidamente, como se repudiasse a bebida duvidosa.

Mas era tarde, pois o veneno fora absorvido pelo revestimento poroso da flor. O movimento de inclinação mudou em meio à sua execução, transformando-se em um encolhimento como o de um braço de réptil, e então o caule imenso e escamoso da Voorqual começou a balançar, fazendo sua coroa de folhas dançar um bailado mortal, acenando para a escuridão das cortinas da manhã. Seu assobio contínuo e profundo cresceu até uma nota insuportável, marcada pela dor de um diabo moribundo. Olhando para baixo a partir da borda da plataforma em que se agarrava para evitar os movimentos da erva, Lunithi viu que as plantas nos terraços inferiores estavam também balançando em louco uníssono com sua mestra. Como os ruídos de um sonho doentio, ele ouviu o coro de seus assobios torturados. Não ousou olhar novamente para a Voorqual até que percebeu um estranho silêncio e viu que as flores abaixo haviam cessado de agitar-se e pendiam lânguidas sobre seus caules. Então, incrédulo, ele soube que a Voorqual morreria.

Voltando-se em triunfo mesclado a horror, ele contemplou o tronco flácido que caíra prostrado em seu leito de adubo inominável. Ele viu o súbito tremido das folhas duras e cortantes, da repulsiva e infernal taça. Mesmo o bulbo pétreo parecia desmoronar e desfazer-se diante de seus olhos. Toda a planta, com suas cores malignas desbotando rápido, encolhia e caía sobre si como uma imensa pele de cobra.

Ao mesmo tempo, de uma maneira indescritível, Lunithi ainda tinha consciência de uma presença que parecia gravitar sobre a pirâmide. Mesmo com a morte da Voorqual, lhe parecia que não estava só. Então, enquanto contemplava e esperava, temendo algo que não sabia o que era, sentiu a passagem de uma coisa fria e invisível — uma coisa que atravessou seu corpo como as curvas grossas de uma imensa serpente, sem som algum, em ondulações calmas e viscosas. Um momento depois e ela desaparecera, e Lunithi não mais sentia a presença apavorante.

Ele se preparou para sair, mas parecia que a noite que terminava ainda estava cheia de um horror inconcebível que se depositava diante dele enquanto descia pela longa e sombria e escadaria. Lentamente ele a percorreu, um desespero curioso o acometia. Ele matara a Voorqual, ele a vira se retorcer em agonia. Mas não podia crer que no que fizera, a remoção do antigo mal ainda lhe parecia não ser mais que um mito tolo.

A penumbra começou a iluminar-se enquanto ele passava pela cidade sonolenta. De acordo com o costume, ninguém deveria estar fora de casa por uma hora ainda. Então os sacerdotes da Voorqual se reuniram para o holocausto sangrento anual.

Na metade do caminho entre a pirâmide e o seu palácio, Lunithi ficou mais do que assustado ao encontrar a donzela Nala. Pálida e fantasmagórica ela passou por ele em um movimento súbito e balançante, quase serpentino, que diferia muito de seu langor habitual. Lunithi não ousou interpelá-la ao ver seus olhos fechados e tranquilos, como os de uma sonâmbula, e ficou surpreso e perturbado pela estranha facilidade e certeza inatural de seu movimento, que lhe lembrava algo que ele temia relembrar. Em um tumulto de fantásticas dúvida e apreensão ele a seguiu.

Seguindo pelo exótico labirinto das ruas de Lospar com o leve e sinuoso deslizar de uma serpente que volta para casa, Nala entrou na pirâmide sagrada. Lunithi, menos esperto que ela, ficara para trás, e não viu por onde ela entrara, na miríade de porões e câmeras, mas uma intuição obscura e temível conduziu seus passos sem demora até a plataforma no topo. Ele não sabia o que encontraria lá, mas o seu coração estava dopado por um desespero esotérico, e ele não sentiu nenhuma surpresa quando lá chegou, à luz multicolorida da manhã, e contemplou a coisa que o esperava.

A donzela Nala — ou aquilo que ele sabia ter sido ela — estava de pé sobre o adubo abominável, sobre os restos murchos da Voorqual. Ela tinha sofrido — e ainda estava sofrendo — uma metamorfose monstruosa e diabólica. Seu corpo frágil e esbelto tinha assumido um formato longilíneo, como o de um dragão, e a sua pele tenra estava marchetada de escamas incipientes que escureciam visivelmente em uma confusão de tons doentios. Sua cabeça não era mais reconhecível como tal e a fisionomia humana estava desaparecendo em um estranho semicírculo de folhas pontiagudas. Seus membros inferiores tinham se juntado e lançado raízes no chão. Um de seus braços estava se tornando parte do corpo reptiliano, e o outro estava se alongando em um galho escamoso que formava o cálice de uma flor vermelha escura e sinistra.

Mais e mais a monstruosidade tomou a aparência da Voorqual, e Lunithi, esmagado pelo horror ancestral e pela fé terrível de seus ancestrais, não podia ter mais nenhuma dúvida de sua identidade. Logo não havia mais nenhum traço de Nala na coisa diante de si, que começou a oscilar com um ritmo sinuoso de cobra e a sibilar profunda e medonhamente, com o que as plantas dos degraus inferiores responderam. Ele soube, então, que a Voorqual tinha retornado para exigir seu sacrifício e presidir para sempre a cidade de Lospar e o mundo de Lophai.

A Paisagem com salgueiros

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

A pintura tinha mais de quinhentos anos e o tempo não mudara suas cores, senão para tocá-las com a tenra suavidade das horas antigas, com a morbidez acumulada de coisas passadas. Fora pintada por um grande artista da dinastia Sung, em seda da mais fina trama, e montada em uma moldura de ébano arrematada em prata. Por doze gerações fora uma das mais queridas posses dos antepassados de Shih Liang e igualmente querida pelo próprio Shih Liang, que, como seus ancestrais, era um erudito, um poeta e um amante da arte e da natureza. Às vezes, em seus momentos mais sonhadores ou meditativos, desenrolava a pintura e contemplava seu idílico encanto com o sentimento de alguém que se retira para a discrição e a distância de um vale cercado de montanhas. Ela o consolava um pouco pela agitação e o ruído e a intriga da corte imperial, onde ele tinha um posto oficial de não pequena honra, pois ele não era muito afeito a tais coisas e teria preferido, como os sábios antigos, a paz filosófica de uma ermida coberta de folhas.

A pintura representava uma cena pastoral da mais visionária e idealizada beleza. Ao fundo se erguiam altas montanhas que pareciam vagas devido à dissipação gradual da neblina matinal, em primeiro plano corria um pequeno riacho que descia em turbulência muda até um lago tranquilo e era cruzado em seu percurso por uma rústica ponte de bambu, mais encantadora do que seria se feita de laca real. Além do riacho e em torno do lago havia salgueiros de um verde vernal mais adorável e delicioso que qualquer coisa contemplada senão em visões ou lembranças. Incomparável era a sua graça, inefável o seu balouçar : eles eram como os salgueiros de Shou Shan, o paraíso taoísta, e eles deitavam sua folhagem como uma mulher reclinada deixa pender seu cabelo desatado. E escondida entre eles havia uma cabaninha, e uma donzela vestida de braco e rosa peônia cruzava a pequena ponte de bambu. Mas de certa forma a figura era mais do que uma pintura, era mais do que uma cena verossímil : ela possuía o encantamento de coisas distantes por que o coração anseia em vão, de anos e lugares que estão perdidos além da lembrança. O artista certamente misturara em suas cores a mais divina íris do sonho e da saudade e as lágrimas doces e inebriantes de uma nostalgia há muito negada.

Shih Liang sentia que conhecia a paisagem mais intimamente que qualquer cena real. Cada vez que ele a contemplava, as suas sensações eram as de um viajante que retorna. Ela se tornou para ele o refúgio fresco e isolado em que achava uma fuga infalível do cansaço de seus dias. E embora ele fosse de um tipo ascético e nunca tivesse se casado ou buscado a companhia das mulheres, a presença na ponte da donzela vestida de rosa não era de forma alguma dispensável : de fato, a sua figurinha, com seu encanto mais do que mortal, era a seu modo uma parte essencial da composição, e não menos importante à sua perfeição do que o riacho, os salgueiros, o lago ou as distantes montanhas com seus véus de neblina rasgados. E ela parecia acompanhar-lhe em suas visitas e viagens de prazer, quando ele se imaginava consertando a pequena cabana ou caminhando sob a folhagem delicada.

Na verdade, Shih Liang precisava de tal refúgio e de tal companhia, ainda que ilusórios. Porque, a não ser por seu irmão mais novo, Po Lung, um garoto de dezesseis anos, ele era sozinho e não tinha parentes nem amigos, e a fortuna da família, declinando através de várias gerações, o deixara como herdeiro de muitos débitos e pouca propriedade ou dinheiro, a não ser por um número de tesouros artísticos inestimáveis. Sua vida era cada vez mais triste e oprimida pela má saúde e pela pobreza, pois muito de seu salário em seu

posto secretarial na corte era necessariamente devotado ao cancelamento de suas obrigações herdadas e o restante mal era suficiente para seu próprio sustento e a educação de seu irmão.

Shih Liang se aproximava da meia idade e o seu honorável coração rejubilava ante o pagamento da última dívida da família quando lhe sobreveio outro golpe de infortúnio. Não por qualquer falha ou omissão de sua parte, mas pelas maquinações de um invejoso colega, Shih Liang foi subitamente privado de sua posição e se achou sem meios de sustento. Nenhuma outra posição se lhe ofereceu, pois certa medida de desgraça imerecida acompanhou a demissão imperial. Para satisfazer as necessidades da vida e continuar a educação de seu irmão, Shih Liang foi então forçado a vender, um a um, muitas das heranças insubstituíveis, as esculturas antigas em jade e marfim, as raras porcelanas e pinturas da coleção ancestral. Isto fez com extrema relutância, com um sentimento de total vergonha e profanação, tal como o que sente o verdadeiro amante de tais coisas, cuja própria alma fora consagrada ao passado e à memória de seus pais.

Dias e anos se passaram, a coleção diminuiu peça a peça e se aproximou o tempo em que os estudos de Po Lung seriam completados, quando ele se tornaria um erudito versado em todos os clássicos e eligível para uma posição de honra e riqueza. Mas, ah ! As porcelanas e laqueados, os jades e marfins haviam sido todos vendidos e as pinturas tinham se ido também, todas exceto a paisagem com salgueiros tão adorada por Shih Liang. Uma tristeza mortal e inconsolável, uma consternação mais gélida que o próprio frio da morte entrou no coração de Shih Liang quando ele percebeu a verdade. Pareceu-lhe que não poderia mais nem viver se vendesse a pintura. Mas se não a vendesse, como poderia completar a obrigação fraternal que devia a Po Lung ? Não havia outro caminho possível, e ele fez saber logo ao mandarim Mung Li, um conhecedor que comprara outras peças de sua antiga coleção, que a pintura dos salgueiros estava então à venda.

Mung Li tinha desejado a pintura por muito tempo. Veio pessoalmente, com os seus olhos brilhando em sua face gorda, com a avidez de um colecionador que cheira uma pechincha, e a transação foi logo concluída. O dinheiro foi pago imediatamente, mas Shih Liang implorou para ficar com a pintura por mais um dia antes de entregá-la ao mandarim. Sabendo que Shih Liang era um homem de honra, Mung Li concordou prontamente com este pedido.

Quando o mandarim saiu, Shih Liang desenrolou a paisagem e a pendurou na parede. Sua solicitação a Mung Li fora causada pelo sentimento irresistível de que deveria ter uma hora a mais em comunhão com a cena adorada, deveria reparar mais uma vez no prazer de seu refúgio inviolado. Depois disso ele estaria sozinho, sem um lar ou um santuário, pois sabia que não havia em todo o mundo nada que pudesse tomar o lugar da pintura dos salgueiros ou conseguir-lhe um asilo para seus sonhos.

Os raios maduros do entardecer precoce se espalharam sobre o volume de seda pendurado na parede nua, mas para Shih Liang, a pintura estava imersa em uma luz de sobrenatural encantamento, tocada por mais do que o esplendor mudo do sol poente. E lhe pareceu que nunca antes a folhagem fora tão tenra na primavera imortal, ou a neblina em torno dos morros tão glamorosa em sua eterna dissolução em luz opala, ou a donzela na ponte rústica tão amável em sua juventude incorruptível. E de algum modo, por uma imperceptível feitiçaria da perspectiva, a própria pintura era maior e mais profunda do que antes, e assumia misteriosamente ainda mais realidade, ou a ilusão de um lugar real.

Com o coração banhado em lágrimas incontidas, como um exilado que dá adeus ao vale natal, Shih Liang experimentou a luxúria triste de contemplar a paisagem dos salgueiros pela última vez. Tal como em milhares de vezes anteriores, sua fantasia se perdeu entre os galhos e além do normal ela habitou a pequena cabana cujo teto tão tantalizante revelava e ocultava, ela observou os cimos das montanhas por detrás da folhagem pendente, ou pausou sobre a ponte para conversar com a donzela vestida de rosa.

Então aconteceu uma coisa estranha e inexplicável. Embora o sol tivesse se posto enquanto Shih Liang continuava a olhar e sonhar, e o crepúsculo tivesse adentrado o quarto, a pintura mesmo não estava menos clara e luminosa do que antes, tal como se fosse iluminada por outro sol que do tempo e o do espaço contemporâneos. E a paisagem tinha se tornado ainda maior, até que pareceu a Shih Liang que ele a contemplava através de uma porta para a própria cena real.

Então, enquanto a perplexidade o assaltava, ele ouviu um sussurro que não era o de uma voz verdadeira, mas parecia emanado da própria paisagem e tornado audível como um pensamento dentro de sua mente mais profunda. E o sussurro disse :

"Porque tu me amaste tanto e por tanto tempo, e porque teu coração aqui se encontra natural, mas é alheio a todo o mundo, agora é permitido que eu me torne para ti o refúgio inviolável que sonhaste, um lugar onde poderás vagar e viver para sempre."

Então, com a alegria incomensurável daquele cuja mais desejada visão se torna verdade, o arrebatamento de alguém que herda o paraíso dos prazeres, Shih Liang passou da sala crepuscular para a pintura matinal. E o chão era macio com uma relva bordada de flores sob seu calcanhar, e as folhas dos salgueiros murmuravam ao vento de Abril que soprava há muito tempo, e ele viu a porta da cabana semioculta de uma forma que ele nunca a vira a não ser na fantasia, e a donzela vestida de rosa sorriu e respondeu ao seu cumprimento quando ele se aproximou, e sua voz era como a fala dos salgueiros e das flores.

O desaparecimento de Shih Liang foi assunto de breve e leve preocupação para os que o conheceram. Logo se concluiu que seus percalços financeiros o haviam impellido ao suicídio, provavelmente por afogamento no grande rio que atravessava a capital.

Po Lung, tendo recebido o dinheiro deixado por seu irmão pela venda da última pintura, pôde terminar sua educação e a paisagem com salgueiros, que fora achada pendurada na parede da morada de Shih Liang, foi prontamente reclamada pelo mandarim Mung Li, seu comprador.

Mung Li estava deliciado com sua aquisição, mas houve um detalhe que o intrigou consideravelmente quando desenrolou o volume e o examinou. Lembrava-se de ser somente uma figura, uma donzela vestida de branco e rosa, na pequena ponte de bambu, e havia duas figuras ! Mung Li inspecionou a segunda figura com muita curiosidade e ficou mais do que surpreso quando notou que ela tinha uma semelhança singular com Shih Liang. Mas era muito pequena, tal como a da donzela, e os seus olhos estavam baços de tanto contemplarem porcelanas e laqueados e pinturas, de forma que ele não pôde se certificar totalmente. De qualquer maneira, a pintura era muito antiga, ele deveria ter se enganado sobre a quantidade das figuras. Mesmo assim, era indubitavelmente peculiar.

Mung Li poderia ter achado o assunto realmente estranho se tivesse o hábito de contemplar a pintura mais frequentemente. Ele poderia ter notado que a donzela de rosa e a pessoa que parecia Shih Liang estavam, às vezes, entretidos em outras diversões que não o mero passar do dia na ponte de bambu !

A Vinda do verme branco, parte 1

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

Por residir junto ao mar boreal, o feiticeiro Evagh costumava ver muitos portentos inesperados no verão. O sol ardia gélido sobre Mhu Thulan, pendente de um firmamento límpido e desbotado como gelo. Ao entardecer a aurora se estendia do horizonte ao zênite, como uma cortina de um palácio dos deuses. Débeis e raras eram as papoulas e pequenas as anêmonas nos vales que entremeavam os rochedos além da casa de Evagh, e os frutos de seu jardim murado eram pálidos por fora e verdes por dentro. Ele também contemplava durante o dia a fuga inesperada de grandes multidões de aves, que se dirigiam para o sul a partir das ilhas ocultas além de Mhu Thulan, e à noite ele ouvia o clamor perturbador de outras multidões passageiras. E sempre, contra o vento ruidoso ou o rugido da maré, ele escutava o sussurro estranho das vozes dos países de inverno perene.

Mas Evagh estava preocupado com esses portentos, tanto quanto os rudes pescadores das margens da baía abaixo de sua casa. Sendo um mestre completo em todo sortilégio e um vidente de coisas remotas e futuras, ele fez uso de suas artes em um esforço para adivinhar o seu significado, mas havia uma nuvem sobre seus olhos durante o dia e uma escuridão dificultava-lhe a visão quando tentava buscar o esclarecimento em sonhos. Seus mais astutos horóscopos resultaram em nada, seus familiares estavam quietos ou lhe respondiam ambigualmente, e havia confusão em toda a sua geomancia, hidromancia ou aruspicações. E Evagh teve a impressão de que um poder desconhecido trabalhava contra si, zombando de seus esforços e tornando-os impotentes de uma forma tal que sua feitiçaria nunca fora derrotada. E Evagh soube, por meio de sinais perceptíveis somente aos magos, que tal poder era maligno e sua aproximação era uma desgraça para os homens.

Dia após dia, através do verão, os pescadores saíram em suas barcas de salgueiro e couro, lançando as redes. Mas delas só saíam peixes mortos, que pareciam fulminados por fogo ou por um frio extremo, e também monstros vivos, de espécies que mesmo os mais velhos capitães nunca haviam visto, coisas de três cabeças, com caudas ou nadadeiras horrendas, coisas amorfas e descoloridas que se dissolviam em líquidos fétidos e escorriam por entre os nós, ou coisas sem cabeça que pareciam luas inchadas, com raios verdes e gelados em volta, ou coisas com olhos leprosos e envoltas em uma baba grossa e pegajosa.

Então, vinda do horizonte do norte, aonde os navios de Cerngoth costumavam ir labutar entre as ilhas do Ártico, surgiu uma galera à deriva, com remos inertes e um leme que girava sem destino. A maré a encalhou entre os botes dos pescadores, que não se aventuravam mais no mar, mas se refugiavam nas areias logo abaixo do rochedo onde tinha Evagh a sua casa. Percorrendo a galera, presas de espanto e medo, os pescadores contemplaram seus remadores imóveis nos assentos e o capitão ao leme. Mas as mãos e faces de todos estavam duras como ossos e brancas como a pele de um leproso, e as pupilas de seus olhos abertos tinham desbotado curiosamente, sendo indistinguíveis do branco, e havia uma horrível brancura neles, como uma poça profunda que congelou até o fundo. E o próprio Evagh, mais tarde, também contemplou a tripulação da galera e refletiu muito a respeito da importância de tal prodígio.

Os pescadores tiveram nojo de tocar aqueles mortos e começaram a murmurar que havia uma maldição no mar, sobre todas as coisas e pessoas que o percorriam. Mas Evagh, achado que os corpos apodreceriam ao sol e trariam pestilência, os comandou a erguer

uma pilha de destroços em torno da galera, e quando a pilha se erguera acima da amurada, escondendo da visão os remadores mortos, ateou-lhe fogo com suas próprias mãos.

A pilha queimou muito alto, a fumaça subiu escura como uma nuvem de tempestade e foi soprada pelo vento para além das torres de Evagh, por entre os rochedos. Mas depois, quando o fogo se apagou, os corpos dos remadores foram vistos sentados entre as brasas e os seus braços ainda estavam estendidos na posição de remar e seus dedos estavam ainda cerrados, embora os remos tivessem se desfeito em carvões e cinzas. E o capitão da galera ainda estava de pé em seu lugar, embora o leme queimado estivesse caído a seus pés. Nada fora consumido senão as vestes dos corpos marmóreos e eles brilhavam como estátuas ao luar por entre os pedaços de madeira enegrecidos pelas chamas, sem qualquer mancha que lhes tivesse sido causada pelo fogo.

Os pescadores viram nisso um portento maligno e ficaram apavorados, e todos fugiram logo para os rochedos mais altos. Somente ficaram com Evagh dois de seus servos, o garoto Ratha e o velho mordomo Ahilidis, que haviam, ambos, testemunhado muitas de suas conjurações e estavam, portanto, acostumados aos sinais da magia. Com estes dois ao seu lado, o feiticeiro esperou que os carvões esfriassem.

As brasas logo escureceram rapidamente, mas ainda subiu fumaça por toda a tarde e o anoitecer, e ainda estavam quentes demais para que um humano as pisasse quando amanheceu. Então Evagh chamou os seus servos para que buscassem água do mar em potes e a despejassem sobre as cinzas e os carvões. Depois que a fumaça e o chiado terminaram ele subiu a bordo e se aproximou dos cadáveres pálidos. Perto deles ele sentia um grande frio, tal como emanaria de um gelo ártico, e o frio começou a doer em suas mãos e orelhas e a atingir-lhe agudamente através do manto de pele. Chegando ainda mais perto ele tocou um dos corpos com a ponta de seu dedo e este, embora apenas ligeiramente pressionado e logo afastado, ficou queimado como por uma chama.

Evagh ficou muito assustado, pois a condição dos cadáveres era algo que lhe era até então desconhecido e em toda a sua ciência de magia não havia nada que lhe pudesse esclarecer. Ele supôs que um feitiço fora lançado sobre os mortos, um sortilégio do tipo que os pálidos demônios polares talvez conheçam, ou as bruxas geladas da lua podem criar em suas cavernas de neve. E ele logo concluiu que era melhor se afastar, para o caso de o feitiço ter efeito sobre outros que não os mortos.

A Vinda do verme branco, parte 2

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

De volta à sua casa antes da noite, queimou junto a cada porta e janela as resinas que são mais ofensivas aos demônios do norte, e em cada ângulo por onde um espírito pudesse entrar ele situou um de seus familiares para guardar contra a intrusão. Depois, enquanto Ratha e Ahilidis dormiam, ele pesquisou com cuidado diligente nos escritos de Pnom, nos quais estão coletados muitos exorcismos poderosos. Mas o tempo todo, enquanto lia para seu conforto os velhos autógrafos, ele se lembrava melancolicamente dos ditos do profeta Lith, que nenhum homem entendera :

Há Um que habita no lugar do frio extremo, e Um que respira onde ninguém mais conseguiria ter ar. Em dias que virão Ele aparecerá entre as ilhas e cidades dos homens, trazendo consigo a maldição branca do vento que sopra em sua residência.

Embora um fogo ardesse em sua câmara, revestida de grossos pinheiros e terebintos, um calafrio mortal pareceu tomar o ar com o anoitecer. Então, quando Evagh, preocupado, retirou dos pergaminhos a sua atenção e viu que as chamas eram altas como se não precisassem de mais lenha, ele ouviu o agito súbito de um grande vento cheio dos gritos assustadores de aves marinhas e de aves terrestres que se arrastavam com asas inúteis, e acima de tudo uma risada estrondosa de vozes diabólicas. O vento do norte bateu loucamente contra suas torres quadradas e pássaros foram atirados como folhas mortas de outono contra suas janelas de madeira sólida, demônios pareciam fender e empurrar as paredes de granito. Embora as portas estivessem fechadas e as janelas, firmemente trancadas, uma lufada gélida circulou a mesa onde Evagh se sentara, arrancando de seus dedos os largos pergaminhos de Pnom e fazendo a chama da lâmpada bruxulear.

Em vão ele lutou para lembrar, com os pensamentos amortecidos, aquele contrafeitiço que é o mais eficaz contra os espíritos do quarto boreal. Então, estranhamente, pareceu que o vento diminuiu, deixando pela casa uma quietude imensa. O sopro gelado desapareceu, a lâmpada e a lareira queimavam com firmeza e algum calor lentamente retornou aos ossos enregelados de Evagh.

Então ele percebeu que uma luz brilhava além das janelas de sua câmara, como se uma lua tardia tivesse nascido além dos rochedos. Mas Evagh sabia que a lua estava no início do quarto crescente, e se punha com a maré. Parecia, também, que a luz brilhava do norte, pálida e frígida como um fogo gelado, e chegando à janela ele viu um grande raio que atravessava todo o mar, parecendo vir do polo oculto. Àquela luz, as rochas eram mais pálidas que o mármore, a areia era mais branca que o sal e as cabanas dos pescadores eram mais como túmulos caiados. O jardim murado de Evagh estava ocupado pelo raio de luz e todo o verde tinha sumido de sua folhagem, todas as flores tinham se tornado como flocos de neve. E o raio incidia penetrantemente sobre as paredes inferiores de sua casa, mas deixava ainda na escuridão a parede da câmara superior de onde ele o observava.

Ele pensou que o raio saía de uma nuvem pálida que surgira sobre a linha do mar, ou talvez de um pico nevado que se erguera em direção ao céu durante a noite, mas não teve certeza. Observando, viu que a luz se erguia mais alto até os céus, mas não sobre sua parede. Tentando em vão entender o significado de tal mistério, ele teve a impressão de ouvir no ar ao redor uma voz doce e mágica. Falando em uma língua que ele não conhecia, a voz pronunciou um encantamento de sono. E Evagh não pode resistir ao encantamento, sobre ele caiu uma dormência como o sono a que sucumbe o sentinela cansado em um lugar gelado.

Acordando assustado ao amanhecer, ele se levantou do chão duro onde estivera deitado e contemplou uma estranha maravilha. Pois eis que na baía estava um iceberg mais alto que qualquer outro que os navios haviam avistado em todas as suas navegações do norte, e mais alto que os citados pelas lendas das obscuras ilhas da Hiperbórea. Ele preenchia o porto de lado a lado, e subia a alturas incomensuráveis, com escarpas empilhadas e precipícios em degraus, e seus pináculos eram como torres, mais altos que as da casa de Evagh, que ficava sobre uma montanha. Era mais alto que o temido monte Achoravomas, que vomita rios de chamas e pedras líquidas que fluem incessantemente pela Terra de Tscho Vulpanomi rumo ao continente austral. Era mais íngreme do que a montanha Yarak, que marca o lugar do polo boreal e dele recaía uma lânguida cintilação sobre o

mar e a terra. Mortífera e terrível era a cintilação e Evagh soube que esta era a luz que vira na escuridão.

Ele mal podia inspirar por causa do frio que estava no ar e a luz do imenso iceberg feria seus olhos com uma intensidade excessiva. Mesmo assim ele percebeu uma coisa estranha : os raios daquela cintilação recaíam indiretamente em ambos os lados de sua casa, e que as câmaras inferiores, onde Ratha e Ahilidis dormiam, não eram mais tocadas pelo raio como durante a noite, e que sobre sua própria casa não havia mais nada a não ser o sol matinal e as sombras do alvorecer.

No litoral abaixo ele via os carvões da galera encalhada, e entre eles os brancos cadáveres inconsumíveis pelo fogo. E pelas areias e rochas os pescadores estavam deitados ou de pé em posturas rígidas e imóveis, como se tivessem saído de seus esconderijos para contemplar o raio pálido e tivessem sido abatidos por um sono mágico. E toda a margem da baía, até o jardim de Evagh, até mesmo até a soleira de sua porta, era como um lugar totalmente coberto por uma geada espessa.

Outra vez ele se lembrou do dito de Lith, e foi com muito receio que desceu ao térreo. Lá estavam o garoto Ratha e o velho Ahilidis, inclinados junto à janela norte, com as faces voltadas para a luz. Rígidos eles permaneciam, com olhos muito abertos e um pálido terror em suas faces, sobre eles estava a morte branca da tripulação da galera. E ao se aproximar deles o feiticeiro foi detido pela terrível frieza que o atingiu, proveniente de seus corpos

A vinda do verme branco, parte 3

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

Ele teria fugido da casa, sabendo que sua magia era totalmente ineficaz contra aquilo. Mas compreendeu que a morte estava na exposição direta aos raios do iceberg e que se deixasse a casa ele forçosamente entraria naquela luz fatal. E também compreendeu que ele só, entre os que viviam naquele trecho de litoral, tinha sido excluído da morte. Não podia supor a razão de sua exceção, mas concluiu por fim que era melhor permanecer paciente e sem medo, à espera do que lhe devesse acontecer.

De volta à sua câmara ele se ocupou de várias conjurações. Mas os seus familiares tinham desaparecido durante a noite, abandonando os ângulos em que ele os postara, e nenhum espírito, humano ou demoníaco, deu resposta às suas perguntas. E de nenhuma forma conhecida dos magos ele conseguiu aprender coisa alguma sobre o iceberg ou adivinhar um mínimo de seu segredo.

Então, enquanto trabalhava com seus truques inúteis, sentiu no rosto o sopro de um vento que não era de ar, mas de um elemento mais sutil e raro, frio como o éter lunar. Sua respiração o abandonou em agonia inexprimível e ele caiu ao chão em uma espécie de sono que era parecido com a morte. Nesta letargia ele teve a vaga impressão de ouvir vozes que pronunciavam encantamentos desconhecidos. Dedos invisíveis que o tocaram com um frio dolorido, e foi imerso em uma radiância estéril que oscilava, como a de uma maré que vai e vem sem parar. Esta radiância era intolerável a todos os seus sentidos, mas

ela aumentava devagar, com picos sempre breves, e logo seus olhos e sua carne se acostumaram a suportá-la. Recaía sobre si, com toda força, a luz do iceberg, entrando pela janela norte, e parecia que um grande Olho o observava através dela. Ele teria se erguido para enfrentar tal Olho, mas o sono o subjugava com uma espécie de paralisia.

Depois disso ele dormiu novamente por um tempo. Ao acordar, encontrou de volta a seus membros a força e a agilidade que lhes faltara antes. A estranha luz ainda estava sobre si, preenchendo toda a sua câmara, e ao contemplar o exterior ele testemunhou uma nova maravilha. Pois eis que seu jardim e as rochas e as areias da praia além não eram mais visíveis. Em seu lugar haviam suaves leitos de gelo em torno de sua casa, e altos píncaros que se erguiam como torres sobre as ameias de uma fortaleza. Além dos abismos de gelo ele via um mar que parecia remoto e raso, e além do mar havia um litoral baixo e vago. O terror lhe assaltou então, pois ele reconheceu em tudo isso a ação de uma feitiçaria onipotente e além do poder de todos os magos mortais. Pois era evidente que sua alta casa de granito não estava mais na costa de Mhu Thulan, mas depositada sobre alguma parte alta do iceberg. Tremendo ele se ajoelhou e orou aos Antigos, que vivem secretamente em cavernas subterrâneas ou habitam sob o mar ou nos espaços ultraterrenos. E enquanto orava ouviu baterem com força à porta de sua casa.

Com muito medo e espanto ele desceu abriu os portões. Diante de si estavam dois homens, ou criaturas que tinham aparência humana. Ambos tinham fisionomias estranhas e peles lustrosas e vestiam mantas de tecidos bordados de runas como as que só os magos vestiriam. Essas runas eram rústicas e incompreensíveis, mas quando os homens lhe falaram ele entendeu um pouco do que diziam, que era um dialeto das ilhas Hiperbóreas.

— Servimos Àquele cuja vinda foi predita pelo profeta Lith — disseram. Ele veio de espaços além dos limites do norte, em sua cidadela flutuante, a montanha de gelo Yikilth, para viajar pelos oceanos mundanos e cobrir de gelo esplendor os pequenos povos da humanidade. Ele nos poupou dentre os habitantes da grande ilha de Thulask e nos trouxe para navegarmos com ele sobre Yikilth. Ele temperou a nossa carne ao rigor de sua morada, e tornou respirável para nós o ar que nenhum mortal poderia inspirar. A ti também ele poupou e aclimatou com seus feitiços ao frio e ao éter que estão por toda Yikilth. Salve, ó Evagh, em quem reconhecemos grande magia por este sinal : pois apenas os mais poderosos entre os magos foram assim escolhidos e salvos.

Evagh foi dolorosamente surpreendido, mas vendo que passara a tratar com homens que eram como ele próprio, passou a questionar mais atentamente os dois magos de Thulask. Eles se chamavam Dooni e Ux Loddhan e eram sábios nas tradições dos deuses antigos. O nome dAquele a quem serviam era Rlim Shaikorth, e vivia no mais alto dos cumes da montanha de gelo. Nada disseram a Evagh sobre as propriedades de Rlim Shaikorth e sobre seu próprio serviço a tal ser eles juraram que consistia somente da adoração que se dá a um deus, adicionada do repúdio de todo laço que antes os ligara à humanidade. E disseram a Evagh que deveria seguir-lhes até Rlim Shaikorth, executar o apropriado rito de obediência e aceitar o compromisso de alienação definitiva.

Então Evagh foi com Dooni e Ux Loddhan e estes o conduziram a um grande cume de gelo que se erguia sem se derreter diante do sol pálido, predominando sobre os demais no topo plano do iceberg. O pináculo era oco. Subindo por dentro dele em escadarias de gelo eles chegaram finalmente à câmara de Rlim Shaikorth, que era um domo semiesférico com um bloco arredondado ao meio formando um divã. E sobre esse divã se encontrava o ser cujo advento o profeta Lith predissera tão obscuramente.

A Vinda do verme branco, parte 4

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

Ao ver tal entidade a pulsação de Evagh se deteve por um instante, tal o terror e logo a seguir do terror as suas entranhas se revoltaram dentro dele, tal o excesso de nojo. Em todo o mundo nada havia que pudesse ser comparado à asquerosidade de Rlim Shaikorth. De alguma forma ele tinha a semelhança de um gordo verme branco, mas seu volume era maior que o de um elefante-marinho. Sua cauda espiralada era tão grossa quanto as dobras medianas de seu corpo e a sua frente se erguia do divã na forma de um disco branco sobre o qual estavam impressos vagamente traços que não pertenciam a nenhuma fera da terra ou criatura do mar. Nesse disco havia uma boca pálida e sem língua, curvada imundamente de lado a lado, abrindo e fechando sem parar até o bucho. As órbitas dos olhos de Rlim Shaikorth ficavam muito próximas, entre suas narinas rasas, e eram vazias, mas nelas apareciam momentaneamente glóbulos de matéria da cor do sangue e no formato de olhos, mas eles sempre se partiam e caíam diante do divã. E do chão gelado do domo se erguiam duas massas como estalagmites, rubras e escuras como sangue congelado, que haviam sido criadas pelo incessante gotejar de tais glóbulos.

Dooni e Ux Loddhan se prostraram diante do ser e Evagh achou por bem seguir o seu exemplo. Curvado sobre o gelo ele ouvia as gotas vermelhas caindo com o ruído de lágrimas pesadas, e então, no domo acima de si, teve a impressão de ouvir uma voz, e a voz era como o som de uma catarata oculta em uma geleira escavada por muitas cavernas. — Contempla, ó Evagh, — disse a voz — eu te preservei do destino de teus semelhantes e te tornei como os que habitam o reino do frio e inalam o vácuo sem ar. Sabedoria infável terás também conhecimento além do que os mortais podem conquistar se concordares em apenas adorar-me e tornar-te meu servo. Comigo viajarás por entre os reinos do norte e passarás por entre as ilhas verdes do sul e verás a morte branca cair sobre todos a partir da luz de Yikilth. Nossa vinda tratará o gelo eterno a seus jardins e porá sobre a carne de seus povos o selo do abismo rigoroso que apagará cada uma das mais ardentes estrelas e leva geada ao coração dos sóis. Tudo isto testemunharás, sendo um dos senhores da morte, supremo e imortal, e no fim tu retornarás comigo àquele mundo além do último polo, que é o meu império. Pois eu sou aquele cuja vinda nem mesmo os deuses podem obstar.

Então, vendo que não tinha escolha, Evagh se comprometeu espontaneamente a adorar e servir o verme pálido. Sob as instruções de Dooni e Ux Loddhan ele desempenhou o rito de sete partes que faz pouco sentido narrar aqui, e pronunciou os três votos de inexprimível alienação. Depois, por muitos dias e noites, ele navegou com Rlim Shaikorth pela costa de Mhu Thulan. Estranha foi a maneira de tal viagem, por parecer que o grande iceber era guiado pela feitiçaria do verme, prevalecendo sempre contra o vento e a maré. E sempre, dia e noite, como os raios de um farol da morte, o frio esplendor atingia tudo até a grande distância de Yikilth. Orgulhosas galeras eram ultrapassadas enquanto fugiam para o sul e as suas tripulações eram abatidas nos remos e, às vezes, navios eram capturados e incorporados aos novos bastiões de gelo que se formavam diariamente em torno da base daquela montanha sempre crescente.

Os belos portos hiperbóreos, cheios de tráfego marinho, foram paralisados pela passagem de Rlim Shaikorth. Quietas ficaram suas ruas e seus cais, quietas as cargas em suas baías depois que a luz pálida veio e se foi. Os raios chegavam profundamente ao interior,

levando aos jardins e campos o murchar de um inverno transártico, e as florestas congelaram e os animais que as percorriam se tornaram também como mármore, de sorte que homens que passaram por aquele lugar muito tempo depois ainda achavam alces, ursos e mamutes ainda de pé em posturas vivas. Mas, vivendo sobre Yikilth, o feiticeiro Evagh estava imune à morte gelada. Sentado em casa ou caminhando pelo iceberg ele não sentia nenhum frio mais intenso que o que se sente nas sombras em um dia de verão.

Então havia, além de Dooni e Ux Loddhan, os feiticeiros de Thulask, outros cinco magos que seguiam a mesma viagem com Evagh, também escolhidos de Rlim Shaikorth. Eles também haviam sido temperados ao frio por Yikilth e suas casas também haviam sido transportadas para o iceberg por um encantamento desconhecido. Eram homens estrangeiros rudes, chamados de polarianos, vindos de ilhas ainda mais próximas do polo que a grande Thulask, e Evagh nada podia entender de seus modos, sua feitiçaria lhe era estranha e a sua fala era ininteligível, sendo tampouco conhecida dos thulaskianos.

Diariamente os oito magos achavam sobre suas mesas todas as provisões necessárias ao sustento humano, embora não soubessem por que meio era suprida. Todos se uniam na adoração ao verme branco e todos, ao que parecia, estavam razoavelmente contentes com seu papel e ansiosos pelo poder e pelo conhecimento extraterrenos que o verme lhes prometera. Mas Evagh estava intranquilo de coração e se revoltava em segredo contra sua servidão a Rlim Shaikorth. Ele contemplava com repulsa o destino cruel que recaía de Yikilth sobre adoráveis cidades e frutíferos litorais. Com raiva ele viu a destruição de Cerngoth, a florida, e a paralisia boreal que desceu sobre as ruas congestionadas de Leqquan, e a gelo que queimou com uma branquidão repentina os pátios e hortas do vale litorâneo de Aguil. E a tristeza estava em seu coração ao lembrar os barcos de pesca e as birremes mercantes ou de guerra que flutuavam sem comando depois de cruzarem com Yikilth.

A vinda do verme branco, parte 5

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

O grande iceberg seguia sempre para o sul, levando seu inverno letal a terras onde o sol de verão passava alto. E Evagh mantinha-se em silêncio, seguindo de todas as formas o costume de Dooni e Ux Loddhan e dos outros. Em intervalos regulados pelo movimento das estrelas circumpolares os oito magos subiam à alta câmara em que habitava perpetuamente Rlim Shaikorth, meio enrolado em seu divã de gelo. Lá, em um ritual cujas cadências correspondiam à queda das lágrimas em forma de olhos que eram choradas pelo verme, e com genuflexões cronometradas pelo abrir e fechar de sua boca, eles davam a Rlim Shaikorth a adoração necessária. Às vezes o verme estava em silêncio, e às vezes lhes falava, renovando vagamente as promessas que fizera. E Evagh soube dos outros que o verme se mantinha adormecido por um tempo a cada lua nova e que era só nessa época que as lágrimas sanguíneas deixavam de cair e a boca se furtava a abrir e fechar alternadamente.

Na terceira repetição dos ritos de adoração eis que apenas sete dos magos foram à torre. Evagh, contando seu número, percebeu que o homem que faltava era um dos cinco estrangeiros. Depois ele perguntou sobre isso a Dooni e Ux Loddhan e gesticulou inquisitivamente aos quatro nortistas restantes, mas parecia que o destino do feiticeiro ausente era

um mistério para todos. Nada sobre ele se ouviu ou se soube desde então, e Evagh, pensando longa e cuidadosamente, ficou um pouco inquieto, pois durante a cerimônia na câmara da torre lhe parecera que o verme estava mais gordo e roliço do que em qualquer momento anterior.

Cuidadosamente ele perguntou que tipo de nutrição era solicitada por Rlim Shaikorth. Sobre isso havia grande dúvida e discórdia, pois Ux Loddhan afirmava que o verme não se alimentava de nada menos raro que os corações de ursos brancos do Ártico, enquanto Dooni jurava que o seu alimento correto era fígado de baleia. Mas, pelo que sabiam, o verme não comera durante sua viagem sobre Yikilth, e ambos asseveraram que os intervalos entre suas refeições eram mais longos que os de qualquer criatura terrestre, não se contando em horas ou dias, mas em anos inteiros.

O iceberg ainda seguia seu curso, mais vasto e mais prodigioso sob o sol e outra vez, na hora apontada pelas estrelas, que era a véspera de cada terceiro dia, os magos se reuniram na presença de Rlim Shaikorth. Para a perturbação de todos o seu número era somente seis, sendo o mago perdido um outro dos estrangeiros. E o verme crescera ainda mais em tamanho, sendo o crescimento visível no intumescimento de todo o seu corpo, da cabeça à cauda.

Vendo em tais circunstâncias um mau augúrio, os seis fizeram medrosas súplicas ao verme, em todas as suas línguas, e lhe imploraram que lhes dissesse o destino de seus companheiros ausentes. E o verme respondeu, e a sua fala era inteligível por Evagh, Ux Loddhan, Dooni e pelos três nortistas, cada um pensando que ele lhes falara em sua língua nativa.

— Este assunto é um mistério a respeito do qual receberéis esclarecimento no momento certo. Saibam disso : os dois que desapareceram ainda estão presentes e compartilharão, tal como vós, do conhecimento ultramundano e do império que eu, Rlim Shaikorth, lhes prometi.

Posteriormente, quando tinham já descido da torre, Evagh e os dois thulaskianos debateram a interpretação desta resposta. Evagh insistia que o significado era sinistro, pois verdadeiramente os seus companheiros ausentes estavam presentes apenas na barriga do verme, mas os outros sustentaram que os dois haviam sofrido uma transformação mais mística e estariam elevados além da visão e da audição humana. A partir de então eles começaram a se preparar, com orações e austeridade, à espera de uma apoteose sublime que lhes chegaria quando fosse sua hora. Mas Evagh ainda estava receoso, não confiava mais nos juramentos equívocos do verme e a dúvida permanecia nele.

Buscando esclarecer sua dúvida e talvez achar uma pista dos polarianos desaparecidos, ele procurou por todo o grande iceberg, em cujas ameias sua própria casa e as dos outros magos estavam fincadas, tal como pequenas cabanas de pescadores no alto de rochedos oceânicos. Nesta busca os outros não o acompanhariam, receosos de recair no desfavor do verme. De abismo a abismo em Yikilth ele circulou sem obstáculos, como se estivesse em um amplo planalto com picos e aclives e ele subiu perigosamente até as escarpas mais altas e desceu às mais profundas gretas e cavernas onde o sol não chegava e não havia outra luz que do luzir estranho daquele gelo extraterreno. Incorporados nessas paredes, como conchas nas camadas de rochas mais profundas, ele viu habitações tais que o homem nunca construía e naves que pertenceriam a outras eras ou mundos, mas em

nenhum lugar ele pode detectar a presença de qualquer criatura viva, e nenhum espírito ou sombra deu resposta às evocações necromânticas que ele pronunciou ocasionalmente enquanto percorria os abismos e câmaras.

De forma que Evagh ainda estava apreensivo com a traição do verme e resolveu permanecer em vigília na noite precedente à celebração seguinte dos ritos de adoração, e ao cair essa noite ele se assegurou de que todos os outros magos estavam em suas mansões individuais, em número de cinco. E tendo se asseverado disso, começou a vigiar sem distração a entrada da torre de Rlim Shaikorth, que era claramente visível de sua própria janela.

Estranho e gélido era o brilho do iceberg no escuro, pois uma luz como a de estrelas congeladas refulgia continuamente no gelo. Uma lua recentemente cheia se erguia ainda cedo dos mares orientais. Mas Evagh, mantendo vigília em sua janela até a meia-noite, viu que nenhuma forma emergiu daquela torre alta, e nenhuma entrou lá. À meia-noite lhe sobreveio uma súbita sonolência, tal como a sentida por alguém que bebeu um vinho opiáceo, e ele não pode sustentar sua vigília mais, recaindo em um sono profundo e ininterrupto pelo resto da noite.

No dia seguinte havia apenas quatro magos reunidos no domo de gelo para render homenagem a Rlim Shaikorth. E Evagh percebeu que mais dois dos estrangeiros, homens de estatura e peso ainda mais escassos que os de seus companheiros, estavam faltando.

A vinda do verme branco, parte 6

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

Um a um, nas noites precedentes à cerimônia de adoração, os companheiros de Evagh sumiram. O último polariano foi o seguinte, e então eis que somente Evagh, Ux Loddhan e Dooni foram à torre, depois Evagh e Ux Loddhan foram sozinhos. O terror aumentava diariamente em Evagh, pois ele sentia que a sua própria vez estava próxima e ele teria pulado de uma das rampas mais altas de Yikilth até o mar se Ux Loddhan, ao perceber sua intenção, não lhe tivesse advertido que nenhum homem poderia sair de lá e viver outra vez sob o calor do sol e respirar ar terreno, depois de ter sido habituado ao frio e ao fino éter. E Ux Loddhan, ao que parecia, estava totalmente alheio ao seu próprio destino e ansioso para perceber o significado esotérico do volume crescente do verme branco e do desaparecimento dos magos.

Então, quando a lua diminuía e escurecera totalmente, eis que Evagh compareceu diante de Rlim Shaikorth, com infinito receio e passos lentos e enojados. E ao entrar no domo, mantendo os olhos baixos, ele se viu o único adorador. Uma paralisia de medo o subjuguava enquanto ele jurava obediência e ele mal teve coragem de erguer os olhos e contemplar o verme. Mas tão logo começou a executar os genuflexões costumeiros ele percebeu que as lágrimas vermelhas de Rlim Shaikorth não mais caíam nas estalagmites violáceas, nem havia mais o som que o verme fazia ao abrir e fechar perpetuamente a sua boca. E arriscando olhar para cima, Evagh contemplou o corpo abominavelmente inchado do monstro, cuja largura era tal que ultrapassava as bordas do divã. E viu que a boca e as órbitas de Rlim Shaikorth estavam fechadas como se dormisse e então se lembrou dos magos de Thulask que lhe haviam dito que o verme dormia um tempo durante a lua nova, o que era algo de que se esquecera temporariamente por causa do medo extremo e da apreensão que sentira.

Então Evagh ficou dolorosamente confuso, pois os ritos que aprendera de seus companheiros somente podiam ser executados apropriadamente quando as lágrimas de Rlim Shaikorth caíam e sua boca abria e fechava em alternância regular. Ninguém lhe instruíra quais ritos eram devidos e adequados durante o sono do verme. Presa de grande dúvida ele disse suavemente : — Estás desperto, ó Rlim Shaikorth ?

Em resposta ele pareceu ouvir uma multidão de vozes que saíam obscuramente da massa pálida e tímida diante de si. O som das vozes era estranhamente abafado, mas entre elas se podia distinguir os sotaques de Dooni e Ux Loddhan, e havia um denso murmúrio de palavras estrangeiras que Evagh reconheceu como a fala dos cinco polarianos. E abaixo destas ele captou ou pareceu captar, inumeráveis outros tons que não eram os de vozes de homens ou feras, nem os sons emitidos por demônios terrestres. E as vozes se ergueram e clamaram, como as de um bando de prisioneiros acorrentados em uma masmorra profunda.

Então, enquanto ouvia em horror inefável, a voz de Dooni se articulou mais alta que as outras, e o múltiplo clamor e murmúrio cessou, como uma multidão que se cala para ouvir seu próprio porta-voz. E Evagh ouviu a voz de Dooni dizer :

« O verme dorme, mas aqueles que ele devorou estão despertos. Terrivelmente ele nos enganou, pois veio a nossas casas à noite, devorando-nos corporalmente, um a um, enquanto dormíamos sob o encantamento que ele lançara. Ele comeu nossas almas tanto quanto nossos corpos, e agora somos realmente parte de Rlim Shaikorth, mas existimos em uma escura e fétida masmorra e quando o verme está acordado não temos consciência própria e ficamos totalmente imersos na essência ultraterrena de Rlim Shaikorth.

« Ouça, então, ó Evagh, a verdade que aprendemos em nossa unificação com o verme. Ele nos salvou da morte branca e nos trouxe a Yikilth para esse fim, porque somente nós, entre todos os humanos, feiticeiros de grande conhecimento e habilidade, poderíamos sobreviver à transformação gelada e letal e nos tornarmos respiradores do vácuo e assim adequados, por fim, à alimentação dos que são como Rlim Shaikorth. Grande

« Grande e terrível é o verme e o lugar de onde vem e para onde retorna não é para ser imaginado por homens vivos. E o verme é onisciente, exceto que não sabe sobre o despertar daqueles que devorou e sua consciência durante o seu sono. Mas o verme, embora mais antigo que a antiguidade dos mudos, não é imortal e é vulnerável em um particular. Quem aprender a hora e os meios de sua vulnerabilidade e tiver coragem de executar tal ação poderá matá-lo facilmente. E a hora para tal ato é durante seu turno de sono. Então nós lhe imploramos agora, pela fé que temos nos Antigos, que desembainheis a espada que trazes sob teu manto e a mergulheis no lado de Rlim Shaikorth, pois tal é o método para matá-lo.

« Somente assim, ó Evagh, o prosseguimento da morte pálida poderá ser obstado e apenas assim poderemos nós, teus companheiros em feitiçaria, obter nossa libertação da servidão cega e do encarceramento eterno, e conosco muitos que o verme traiu e devorou em eras passadas e em mundos distantes. E somente fazendo isto tu escaparás da sombria e asquerosa boca do verme, não tendo de habitar para sempre como um fantasma fugidivo entre outros fantasmas nas trevas malignas de sua barriga. Mas saiba, porém, que aquele que matar Rlim Shaikorth deverá necessariamente morrer ao fazê-lo. »

A vinda do verme branco, parte 7

(tradução: José Geraldo Gouvêa)

Evagh, aturdido, interrogou Dooni e foi respondido conforme o que perguntara. E às vezes a voz de Ux Loddhan lhe respondia e às vezes havia murmúrios ininteligíveis que expressavam aqueles outros entre os fantasmas chorosos. Muito Evagh aprendeu sobre a origem e a essência do verme, e aprendeu o segredo de Yikilth e a maneira pela qual Yikilth flutuara dos abismos transárticos para viajar pelos mares da Terra. Sempre, ao ouvir, o seu horror aumentava, ainda que atos de magia negra e conjurações de demônios houvessem por muito tempo endurecido sua carne e sua alma, tornando-o insensível a horrores incomuns. Mas sobre tudo o que ele aprendeu é inadequado falar nesse momento. Por fim se fez silêncio no domo, pois o verme dormia profundamente e Evagh já não tinha o que perguntar ao fantasma de Dooni, e os que estavam presos com Dooni pareciam esperar e vigiar em uma paralisia de morte.

Então, sendo um homem de muita firmeza e resolução, Evagh não demorou mais e retirou de sua bainha de marfim a espada de bronze curta, mas bem temperada, que ele sempre carregava junto ao cinturão. Aproximando-se do divã até bem perto ele mergulhou a lâmina na massa intumescida de Rlim Shaikorth. A lâmina entrou fácil, com um movimento de retalhar e rasgar como se tivesse perfurado uma monstruosa bexiga, de forma que ela não se deteve nem mesmo na empunhadura, e todo o braço direito de Evagh foi puxado atrás dela para dentro da ferida aberta.

Ele não percebeu nenhum movimento ou inquietação no verme, mas da ferida aberta esguichou uma torrente súbida de matéria negra e líquida, cada vez mais rápido e com mais força, até que a espada foi arrancada do punho de Evagh como por um redemoinho. Muito mais quente que o sangue e fumegante de estranhos vapores e fumaças, o líquido correu sobre a pele de seu braço e molhou suas roupas ao cair. O gele aos seus pés logo ficou coberto, mas o fluido ainda jorrava como de uma inexaurível fonte de podridão, e se espalhava por toda parte em poças e correntes que se juntavam.

Evagh teria fugido então, mas o líquido preto, subindo e correndo, estava já nos seus tornozelos quando ele chegou ao topo da escada, e corria por ela abaixo como uma catarata rumo a uma caverna abissal. Mais e mais quente ele se tornava, fervendo e borbulhando, enquanto a corrente se fortalecia e o cercava e puxava como mãos malignas. Ele temeu seguir pelas escadas, mas não havia nenhum lugar no domo onde pudesse subir para refugiar-se. Ele se virou, lutando contra a força do líquido apenas para ficar de pé, e viu vagamente através dos vapores fétidos a massa entronizada de Rlim Shaikorth. O rasgo se abriu prodigiosamente e uma torrente saía dele como as águas de uma barragem rompida, cuspida para a frente em torno do divã, e mesmo assim, como para provar ainda mais a natureza sobrenatural do verme, seu volume ainda não diminuía. E o líquido negro ainda vinha em uma enchente maligna e subia rodopiante em torno dos joelhos de Evagh, os vapores parecendo tomar a forma de uma miríade de formas fantasmagóricas, que se contorciam obscuramente, se juntando e se separando ao passarem por ele. Então, enquanto cambaleava e sentia náuseas no topo da escada, ele foi subjugado e atirado para a sua morte nos degraus de gelo.

Naquele dia, no mar ao leste da média Hiperbórea, as tripulações de certas galeras mercantes contemplaram algo inaudito. Pois eis que, ao se dirigirem para o norte, retornando de distantes ilhas oceânicas com um vento que ajudava o trabalho de seus remos, elas

avistaram no fim da tarde um monstruoso iceberg cujos pináculos e cumes pareciam mais altos que montanhas. O iceberg brilhava parcialmente com uma luz estranha, e de seu pináculo mais alto jorrava uma torrente negra e todos os cimos e arcos de gelo abaixo estavam tomados de correntes, cascatas e cataratas do mesmo negrume, que fumegavam como água fervente ao se atirarem no mar, e o mar em torno do iceberg estava turvo e rajado em uma grande extensão, como se lhe houvessem derramado o fluido escuro dos polvos.

Os marinheiros tiveram medo de chegar mais perto. Em vez disso, espantados e maravilhados, suspenderam os remos e ficaram contemplando o iceberg. O vento diminuiu de forma que suas galeras ficaram à vista dele durante todo o dia. Eles viram que o iceberg derretia rapidamente, se desfazendo como se um fogo desconhecido o consumisse, e o ar adquiriu um calor estranho, e a água em volta de seus navios ficou morna. Penhasco a penhasco o gelo foi escavado e devorado, e grandes porções caíram com um poderoso estrondo. O píncaro mais alto também desmoronou, mas o negrume ainda jorrava como de uma fonte profunda. Os marinheiros pensaram ver, em certos momentos, que casas flutuavam sobre alguns dos fragmentos desprendidos, mas disso não tiveram certeza por causa dos vapores crescentes. Ao pôr do sol o iceberg tinha sido reduzido à massa de um bloco de gelo comum, mas inda seguia a fonte de negrume que o cobria, ele afundou entre as ondas, e a estranha luz se apagou por fim. Então, como era noite sem lua, ele se perdeu da visão e uma tempestade assomou, soprando fortemente do sul, de forma que ao amanhecer o mar não tinha mais nenhum sinal.

Sobre os assuntos relatados acima, muitas e variadas lendas surgiram em Mhu Thulan e todos os reinos extremos da Hiperbórea e seus arquipélagos, até mesmo a ilha sulina de Oszhtor. A verdade não está em nenhuma destas lendas, pois nenhum homem a conheceu até hoje. Somente eu, o feiticeiro Eibon, evocando por necromancia o espectro de Evagh, perdido entre as ondas, aprendi dele a verdadeira história do advento do verme. Eu a escrevi em meu livro omitindo o que é necessário para poupar a sanidade dos frágeis mortais. E os homens lerão este registro, junto de muitas outras tradições mais antigas, em dias futuros, muito depois da vinda e derretimento das grandes geleiras.

Sobre C.A. Smith:



Pouco conhecido no meio literário, Clark Ashton Smith nasceu em 13 de janeiro de 1893 em Long Valley, Califórnia (EUA) e faleceu em 14 de agosto de 1961. Foi escultor, pintor, poeta e autor de contos de fantasia, horror e ficção científica. O escritor chamou atenção, com seus primeiros poemas, de autores já bastante conhecidos como Ambrose Bierce. Autodidata, Smith não conseguiu concluir a escola secundária devido a problemas psicológicos. Por conta da sua habilidosa memória fotográfica conseguiu educar a si mesmo lendo a Enciclopédia Britânica mais de uma vez e todo o dicionário Oxford. Em 1922 recebeu uma carta de H.P. Lovecraft que se mostrava fã de sua escrita, a amizade entre os escritores cresceu e perdurou por 15 anos. A escrita de Smith criou-se no ambiente místico de mundos mágicos, fundindo elementos da ficção científica com fantasia e poesia. Smith foi um dos principais inspiradores de Lovecraft quando o mesmo desenvolveu o ciclo de histórias cósmicas da criatura Cthulhu. A linguagem de Smith é repleta de um vocabulário exótico, científico, mostrando sua habilidade com as palavras rebuscadas retiradas do dicionário, meio pelo qual se educou sozinho na juventude. Os elementos de suas histórias interplanetárias se apoiam mais na fantasia e lendas do que no cientificismo, o que difere do amigo Lovecraft.

Referências:

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O Horror Sobrenatural em Literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. Apresentação de Oscar Cesarotto. São Paulo: Iluminuras, 2007.

<http://www.letraseletricas.blog.br/>

<http://mundotentacular.blogspot.com.br/>